



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Faculdade de Educação



Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde

Especialização em Saúde Coletiva e Educação na Saúde – Especialização em Serviço

ÉLIDA MARIA RODRIGUES DE MORAES

A NOMADOLOGIA DO DEPARTAMENTO
DE ATENÇÃO BÁSICA DO
MINISTÉRIO DA SAÚDE

BRASÍLIA

2014

ÉLIDA MARIA RODRIGUES DE MORAES

A NOMADOLOGIA DO DEPARTAMENTO
DE ATENÇÃO BÁSICA DO
MINISTÉRIO DA SAÚDE

Trabalho de Conclusão de Especialização em Saúde
Coletiva e Educação na Saúde – Especialização em
Serviço, do Núcleo de Educação, Avaliação e Produção
Pedagógica em Saúde da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Luciano Bedin da Costa

Co-orientadora: Margareth Cristina de Almeida Gomes

BRASÍLIA

2014

ÉLIDA MARIA RODRIGUES DE MORAES

A NOMADOLOGIA DO DEPARTAMENTO
DE ATENÇÃO BÁSICA DO
MINISTÉRIO DA SAÚDE

Trabalho de Conclusão de Especialização em Saúde Coletiva
e Educação na Saúde – Especialização em Serviço, do
Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em
Saúde da Faculdade de Educação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientador: Luciano Bedin da Costa

Aprovado em: 02 de agosto de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

LUCIANO BEDIN DA COSTA

Orientador de Pesquisa

DANIELE NOAL GAI

UFRGS

BRASÍLIA

2014

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho aos meus pais Antônio e Lourdes por acreditarem na Educação como forma de transformação do mundo em que vivemos.

A Luciano Bedin, Margareth Gomes e aos professores da especialização pelos encontros intensos que tornaram possível o percurso de agenciamentos conceituais que se convergiram nesse registro.

A todos os gestores do Departamento de Atenção Básica pelo acolhimento aos trabalhadores em formação, pela paciência dispendida aos nossos inúmeros questionamentos:

À equipe PMAQ: Pauline, Renata Pella, Renata Clarisse, Deyse, Eudes, Danilo, Marcílio, Francis, Sylvio, Bruno e Allan.

À equipe PSE: Thaís Severino, Janaína, Caroline, Fabiana, Denise, Rimena, Helissa, Raquel, Sabrina, Maria Edna.

À equipe PAD: Alyne, Kátia, Olívia, Débora, Luciana, Aristides e aos dois Diegos.

Aos meus companheiros(as) da SQN 304 Irina, Diego e Ilano por afirmar nossas diferenças e criar um caminho do meio para Brasília.

À Patrícia Barbará pela aposta no SUS e no ensino em serviço que nos colocou frente às potencialidades do trabalho na Gestão Federal e nos acompanhou com uma disponibilidade ímpar no enfrentamento das diferentes posturas emergentes desse processo.

Aos idealizadores da Especialização de Saúde Coletiva e Educação na Saúde pela ousadia da empreitada e aposta no ensino em serviço.

Aos especializando bolsistas e cursistas pela abertura de seu campo profissional, parceria na concretização dos nossos trabalhos e pela amizade nutrida para a vida.

“O mundo não foi feito em alfabeto.
Senão que primeiro
em água e luz.
Depois árvore.”

(Manoel de Barros)

RESUMO

O presente trabalho retrata a experiência de formação em serviço a partir da elaboração de uma *Nomadologia* da Especialização em Saúde Coletiva e Educação na Saúde vinculada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao Departamento de Atenção Básica(DAB) do Ministério da Saúde. O tema desta análise foi eleito devido as inúmeras concepções do que vem a ser um “trabalhador em formação” inseridos no seio da Gestão Federal. Ensejei um registro micropolítico com a perspectiva de apalpar as linhas de fuga emergentes dos processos de trabalho atrelados ao campo da educação e em consonância aos princípios e diretrizes do SUS. A metodologia cartográfica balizou o que chamei de ensaio cartográfico, tal traçado micropolítico foi guiado pelo agenciamento do conceito intercessor de *Máquina de Guerra* ao Pensamento Nômade de Deleuze&Guattari, os quais delinearam uma *Nomadologia* do DAB por meio da eleição de dois axiomas, a saber: “trabalhador em formação” e “trabalho no subsolo” que funcionaram como holofotes das marcas das linhas de fuga dos processos subjetivos e das relações de forças típicas das instituições.

Palavras-chave:1- Nomadologia 2- Máquina de Guerra 3- Pensamento Nômade 4- Formação em Serviço 5- Atenção Básica

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Pôr do sol no lago Paranoá.....	25
Imagem 2 - Corredor do Departamento de Atenção Básica.....	28
Imagem 3- Vista da Coordenação Geral de Avaliação e Acompanhamento.....	30
Imagem 4 –Acampamento no Congresso Nacional.....	48

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Os novos sanitaristas.....	10
Figura 2- Cartografia.....	12
Figura 3- Conceito intercessor: Máquina de Guerra.....	14
Figura 4 – Carruagem nômade inteiramente em madeira de Altai, século V-IV a.C...	15
Figura 5 – O que é a Nomadologia.....	16
Figura 6 – Traçados nômade.....	18
Figura 7 – As marcas do desassossego.....	21
Figura 8 – Trabalho no subsolo.....	26
Figura 9 – Vista panorâmica do Departamento de Atenção Básica.....	27
Figura 10 - Salvador Dalí realizou em 1957 a obra “Girafas queimando e telefones – as sete artes”	29
Figura 11 – Trabalho vivo e trabalho morto.....	31
Figura 12 – Cartografias do DAB.....	32
Figura 13 – Burocracia.....	33
Figura 14 – Delimitações corporativas.....	34
Figura 15 – Rotatividade de profissionais.....	35
Figura 16 – Um grupo militante.....	37
Figura 17 – Saúde do Trabalhador.....	38
Figura 18 – Trabalhador em formação.....	40
Figura 19 – 3º Margem.....	42
Figura 20 – Oscilações nominais.....	43
Figura 21 – A de(formação) de um coletivo organizado!!.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CGGAB – Coordenação-Geral de Gestão da Atenção Básica

CONASEMS – Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde

CONASS – Conselho Nacional de Secretários de Saúde

DAB – Departamento de Atenção Básica

MS – Ministério da Saúde

NOB – Norma Operacional Básica

SAS – Secretaria de Atenção à Saúde

SUS – Sistema Único de Saúde

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

COSEMS - Conselhos de Secretarias Municipais de Saúde

CONASS Conselho Nacional de Secretários de Saúde

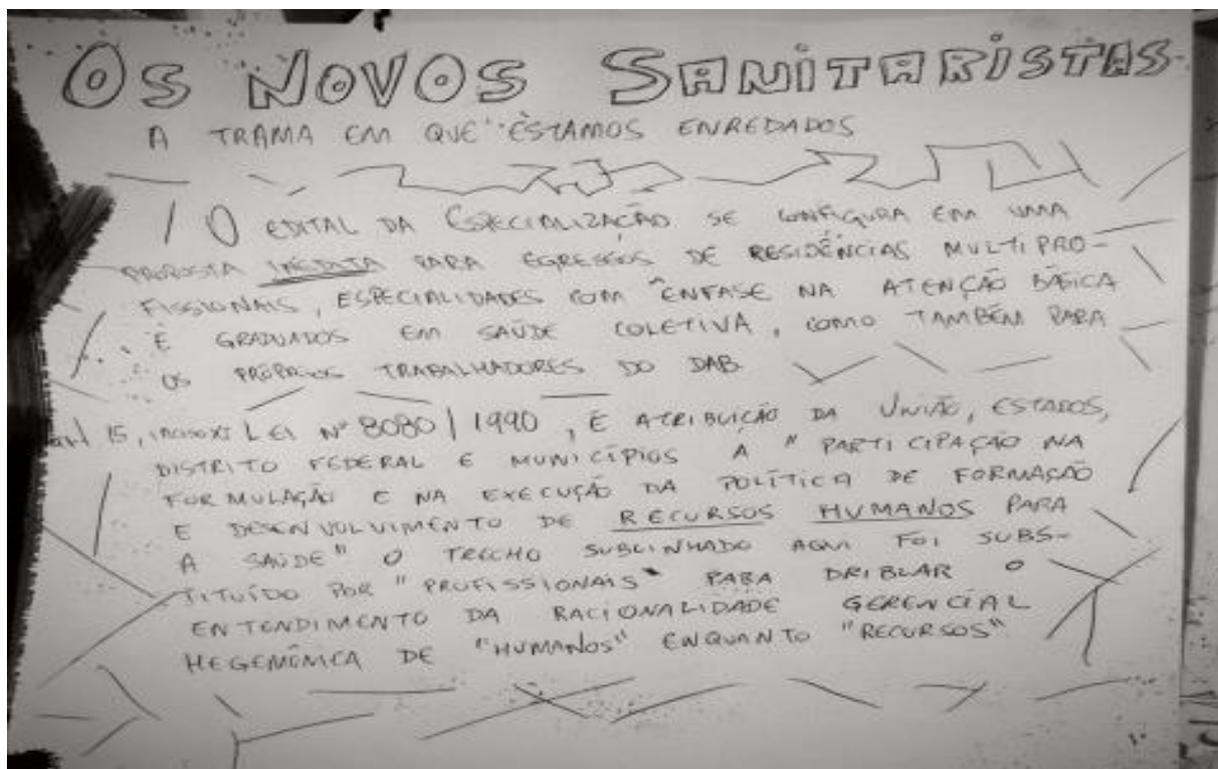
CONASEMS Conselho Nacional das Secretarias Municipais de Saúde

SUMÁRIO

1 LANCE DE DADOS: A GESTÃO FEDERAL E OS NOVOS SANITARISTAS.....	10
2 A CARTOGRAFIA:TRAÇADO MICROPOLÍTICO.....	12
3 O CONCEITO INTERCESSOR: A MÁQUINA DE GUERRA.....	14
4 PERCEPTOS, AFECTOS E AS NORMAS.....	18
5 PISO "AUDITÓRIO": O TRABALHO NO SUBSOLO.....	26
6 AGENCIAMENTOS MULTIPLOS: TRABALHADORES EM FORMAÇÃO.....	40
7 FRAGMENTO ÚLTIMO: DO CARÁTER FINITO E ILIMITADO DO SUS.....	49
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

1. LANCE DE DADOS: A GESTÃO FEDERAL E OS NOVOS SANITARISTAS

Figura 1 – Os novos sanitaristas



Fonte: Diário de Campo

O tema desta pesquisa foi eleito para meu Trabalho de Conclusão de Curso devido as inúmeras noções do que vem a ser um “trabalhador em formação”, a partir dos efeitos do processo de trabalho atrelados ao campo da educação. O modelo “Ensino em Serviço” adotado pelo Ministério da Saúde como um meio de qualificar os profissionais do Sistema Único de Saúde suscita movimentos importantes no local de trabalho, como já observados nos Programas de Residências Multiprofissionais ou como, por exemplo, na criação de espaços de Educação Permanente em Saúde. Vale lembrar que, desde a promulgação da Lei nº8080, é atribuição de todas as esferas federativas a participação e execução da política de formação e desenvolvimento de profissionais para a saúde¹.

A Especialização em Saúde Coletiva e Educação na Saúde, cujo campo de trabalho é a gestão federal, se configurou por diversas atividades que exigiram o mergulho de cada trabalhador

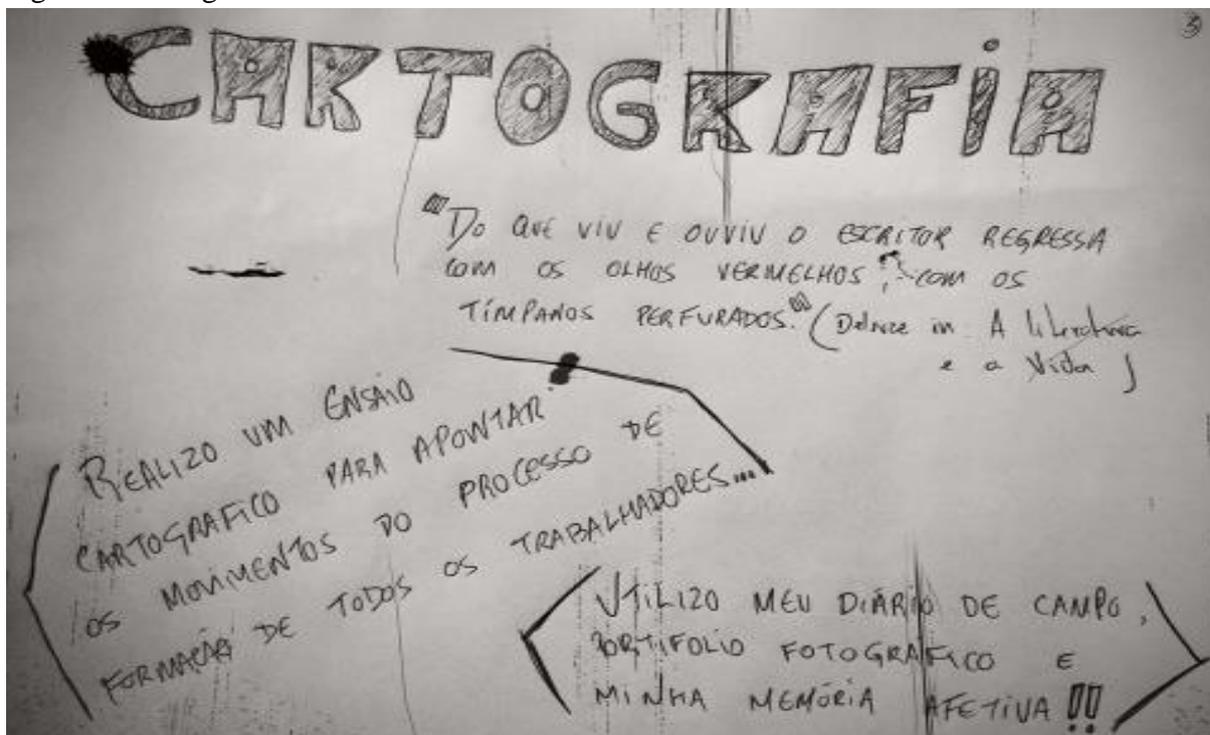
¹ Segundo o art. 15, inciso XI da Lei nº 8080/1990, é atribuição da União, Estados, Distrito Federal e Municípios a “participação na formulação e na execução da política de formação e desenvolvimento de recursos humanos para a saúde”. O trecho sublinhado aqui foi substituído por “profissionais”, para driblar o entendimento da racionalidade gerencial hegemônica de “humanos” enquanto “recursos”. Para detalhes sobre as leis orgânicas, consultar: <http://conselho.saude.gov.br/legislacao/lei8080.htm>

em formação em sua dinâmica de trabalho, como a construção compartilhada de atividades de apoio institucional aos Estados, planejamento do trabalho frente aos programas de saúde, organização dos fluxos institucionais para operacionalizar o processo de trabalho, discussão das políticas públicas junto aos gestores estaduais, municipais, aos Conselhos de Secretarias Municipais de Saúde (COSEMS), Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS) e Conselho Nacional das Secretarias Municipais de Saúde (CONASEMS), e aos trabalhadores do próprio Departamento de Atenção Básica (DAB), da Secretaria de Atenção à Saúde (SAS) do Ministério da Saúde (MS).

A oportunidade de fazer parte da gestão federal no DAB nos coloca no seio da equipe de gestores que tecem as políticas públicas no SUS, as pactuações interfederativas, os desenhos institucionais para a viabilização dos programas de Saúde Pública criados, e ainda, o monitoramento, financiamento e avaliação das estratégias pactuadas em favor de uma nação heterogênea como o Brasil. Um desafio não só para a minha formação acadêmica, como para minha atuação como profissional do SUS, uma vez que este arranjo permitiu uma discussão de singularidades e universalidades de diferentes políticas e programas de âmbito nacional, com a finalidade de se alcançar um atendimento de maior qualidade aos usuários do SUS.

2. A CARTOGRAFIA: TRAÇADO MICROPOLÍTICO

Figura 2- Cartografia



Fonte: Diário de Campo

Os agenciamentos² inventados para esse estudo se utilizam da Especialização³ como um dispositivo que movimenta campos de saber/poder institucionais por meio dos “trabalhadores em formação” no DAB/SAS/MS. Aborda como se movimentam nesse território, seu papel articulador nessa modalidade de ensino em serviço, os efeitos do pensamento voltado para a Saúde Coletiva no cenário onde se tomam decisões dos rumos da saúde para o Brasil.

A cartografia baliza a forma como gosto de contar o que se passa pelo corpo e onde o corpo passa, esteja ele onde estiver, pois nos coloca diante de outra lógica de pensamento, ou seja, o que salta aos olhos é o “lance de dados”, o ocasional do caminho que está sendo percorrido, os processos vividos e o que está por vir.

[...] quando há apenas meios e entremeios, quando as palavras e as coisas abrem-se ao meio sem nunca coincidirem, é para liberar forças que vêm do lado de fora e que só existem em estado de agitação, de mistura e de recombinação, de mutação. Na verdade, trata-se de lances de dados, porque pensar é emitir um lance de dados (DELEUZE, 2005, p. 94, grifo meu).

² O termo *agenciamento* não comporta nenhuma noção de ligação, de passagem ou de anastomose entre seus componentes. Um agenciamento é a ativação de campo de possíveis, de virtuais tanto quanto de elementos constituídos sem noção de relação genérica ou de espécie (GUATTARI, 1993b, p. 47).

³ Utilizo do termo “a Especialização” para referir-me ao curso de especialização da UFRGS, singularizando-a do universo de cursos de especialização existentes de um modo geral.

As pessoas e as paisagens que cruzam os nossos caminhos compõem com a gente as referências dos modos como nos portamos no mundo: imagens que consideramos e inventamos em torno de nossas ideias e o que acreditamos, os valores das intensidades vividas, como por exemplo, com um livro, com o mar, com o trabalho. O método cartográfico nos remete aos passos cotidianos vivenciados com atenção por um corpo sensível, voltado a analisar a realidade para além de um regime de representação, mas a partir das concretudes dos *perceptos e afectos*.⁴

A ideia é elaborar um ensaio cartográfico para poder vislumbrar os movimentos potentes desse processo de formação de todos os trabalhadores, privilegiando o enfoque nos especializando mas abarcando todos os demais trabalhadores, considerando que todos os que se inserem em um espaço de trabalho estão “em formação”⁵. Utilizarei meus diários de campo e minha memória afetiva.

A operacionalização dessa ideia envolve elencar um conceito que sustente tais *perceptos e afectos*. O conceito escolhido foi de autores que construíram o chamado “pensamento nômade”, expresso através da ideia de *Máquina de Guerra*. Vale lembrar que o conceito de *Máquina de Guerra* forma um par com o conceito de *aparelho de Estado*, porém aqui desenvolverei apenas o de *Máquina de Guerra* devido aos limites de tempo, o cunho dessa especialização e o enfoque pretendido em direção às linhas de fuga que furam as normas do Estado.

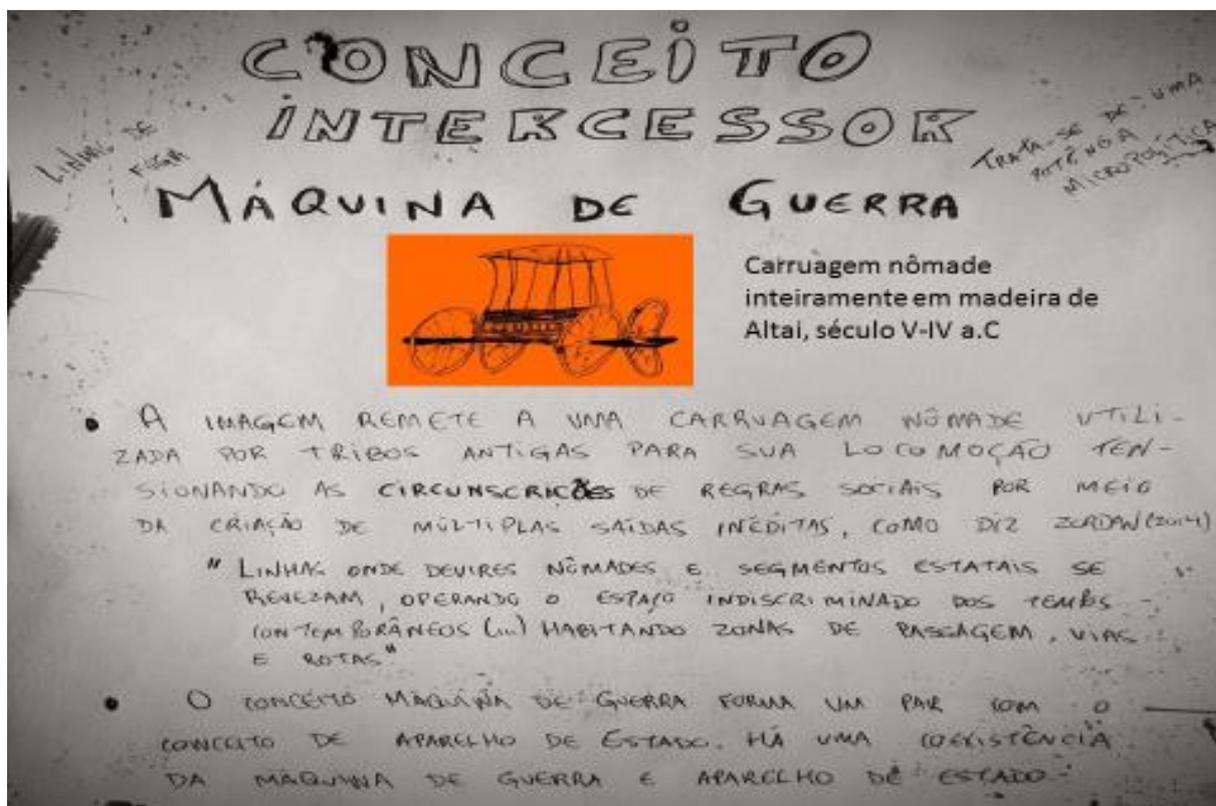
“Em todo caso, se o Estado é conduzido perpetuamente a reprimir as ciências menores e nômades, se ele se opõe às essências vagas, à geometria operatória do traço, não é em virtude de um conteúdo inexato ou imperfeito dessas ciências, nem de seu caráter mágico ou iniciático, mas porque elas implicam numa divisão do trabalho que se opõe à das normas de Estado.” (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p.28)

⁴ “O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos. Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais que sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si.” (Deleuze e Guattari, 1992, p.213)

⁵ Embora aqui eu opte por homogeneizar todos os trabalhadores na categoria “em formação”, sinalizo que na prática Esta categoria foi evocada inúmeras vezes como modo de travar distinções e cisões entre os atores inseridos no DAB. Abordarei esta dinâmica no capítulo sobre “trabalhadores em formação”.

3. O CONCEITO INTERCESSOR: A MÁQUINA DE GUERRA

Figura 3 – Conceito intercessor: Máquina de Guerra



Fonte: Diário de Campo

A *Máquina de Guerra* corresponde a uma potência contra a soberania, ela não reproduz as hierarquias e normas tão presentes nos aparelhos de Estado. Na *Máquina de Guerra* não há privilégio concedido a uma linha de fuga⁶, mas agenciamentos entre as mais diversas linhas de fuga. Trata-se de uma potência micropolítica⁷ onde as microrelações engendram novas ideias, novas criações, bifurcando, assim, a linha de repetições necessárias. A *Máquina de Guerra* expressa outras relações, relações em devir⁸.

⁶ Segundo Deleuze & Guattari (1998), "a linha de fuga é uma desterritorialização. Os franceses não sabem bem do que se trata. Evidentemente, eles fogem como todo mundo, mas acham que fugir é sair do mundo, mística ou arte, ou então que é algo covarde, porque se escapa aos compromissos e às responsabilidades. Fugir não é absolutamente renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É igualmente fazer fugir, não obrigatoriamente os outros, mas fazer fugir algo, fazer fugir um sistema como se arrebenta um tubo... Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia." (Idem, Ibidem, 1998, p. 47)

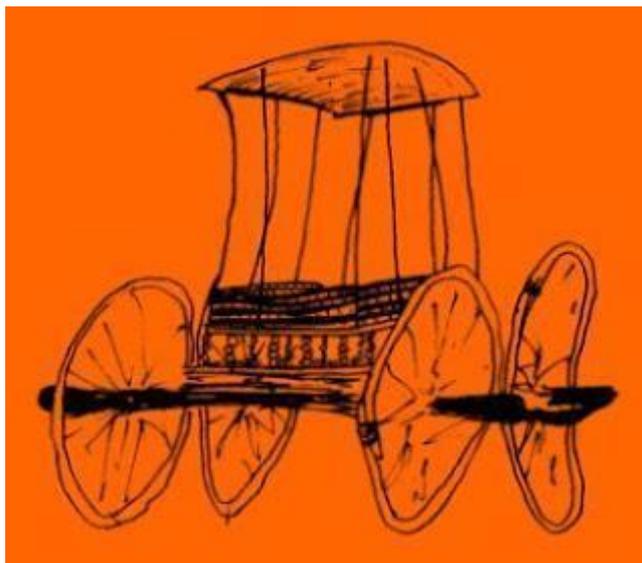
⁷ Micropolítica diz respeito a produção de subjetividade: "ela se refere aos modos de expressão que passam não só pela linguagem, mas também por níveis semióticos heterogêneos" (GUATTARI & ROLNIK, 2000, p. 28).

⁸ "Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Tampouco dois termos intercambiantes. A pergunta 'o que você devém?' é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio." (DELEUZE & GUATTARI, 1998, p.8)

A imagem da *Máquina de Guerra* utilizada pelos autores para invenção desse conceito remete a uma carruagem nômade utilizada por tribos antigas para sua locomoção, um meio de movimentação no território para alcançar suas necessidades tensionando as circunscrições de regras sociais estabelecidas por meio da criação de saídas múltiplas e inéditas. Como afirma Zordan (2014), a carruagem funciona no traçado de “linhas onde devires nômades e segmentos estatais se revezam, operando o espaço indiscriminado dos tempos contemporâneos (...) habitando zonas de passagem”. A carruagem auxiliava os nômades em sua locomoção vital em busca de trocas e lugares que possibilitavam a criação de seus modos de existir.

“As *Máquinas de Guerra*, invenções nômades, funcionam como dispositivos que circulam fora das cidades muradas que configuram os *Aparelhos de Estado*. Seu traçado espiralado, desenha uma linha ziguezagueante, turbilhonar, que vai contra as coordenadas quadrangulares de uma geometria ideal, reguladora, regradora, Régia. A *Máquina de Guerra* age zerando coordenadas (retas) e criando números que mostram, aritmeticamente, a progressão errática pela qual as tribos se movimentam.” (ZORDAN, 2014, p. 1, grifos meus)

Figura 4 - Carruagem nômade inteiramente em madeira de Altai, século V-IV a.C

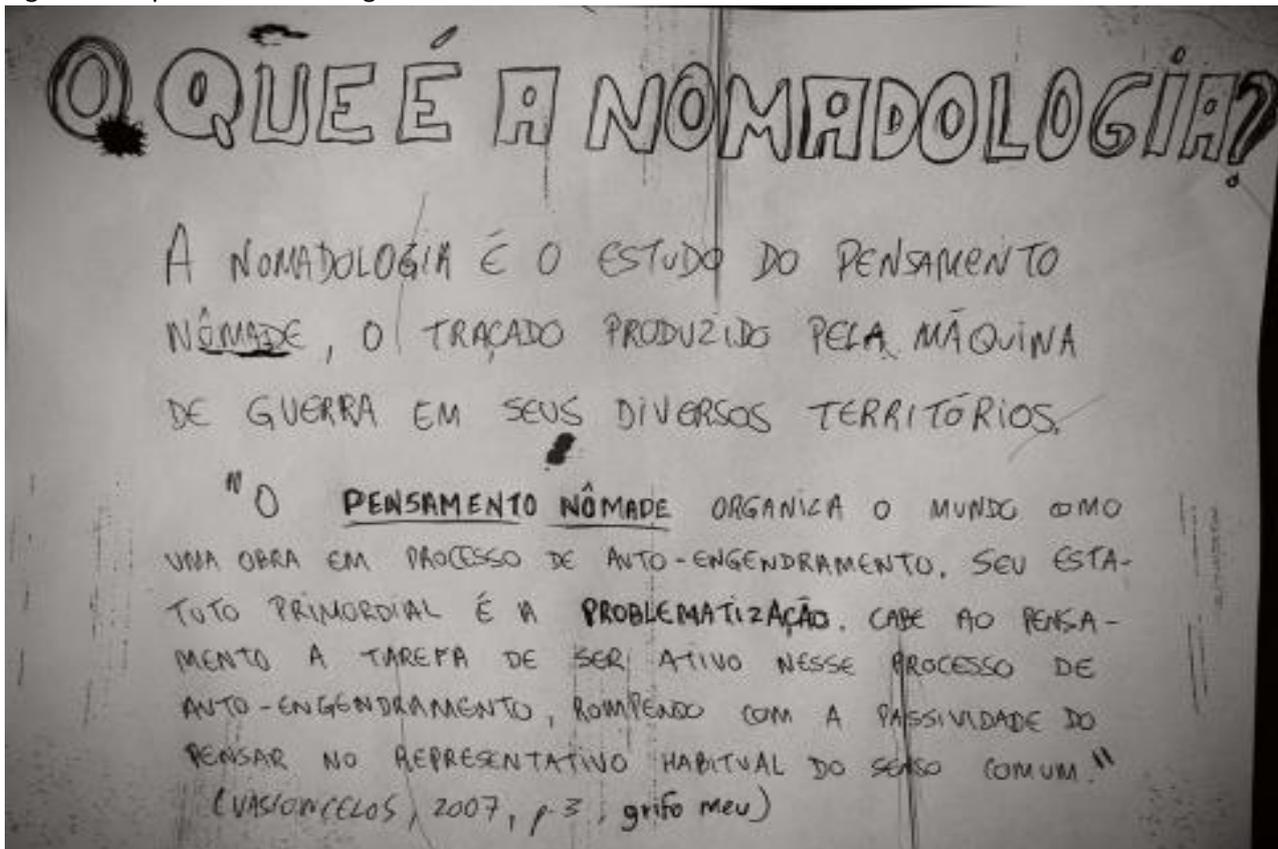


Fonte: Fonte: Desenho da carruagem de madeira que se encontra no Museu do Ermitage, Leningrado Eisenstein, A greve, col. Cahiers du cinema

O traçado produzido pela *Máquina de Guerra* em seus diversos territórios é chamado de Nomadologia, que é o estudo do pensamento nômade:

“O pensamento nômade organiza o mundo como uma obra em processo de auto-engendramento. Seu estatuto primordial é a problematização. Cabe ao pensamento a tarefa de ser ativo nesse processo de auto-engendramento, rompendo com a passividade do pensar no representativo habitual do senso comum.” (VASCONCELOS, 2007, p.3, grifo meu)

Figura 5- O que é a Nomadologia?



Fonte: Diário de Campo

Nomadologia é um conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari em seu “Tratado de Nomadologia” (1997). Designa uma potência que se constitui a partir de outra lógica que não a indenitária, do modelo ou da propriedade e que se coloca em posição de diferença a uma lógica de Estado. A lógica de Estado seria aquela da interiorização, ao passo que a lógica nômade é a da exterioridade, como explicam os autores:

“A forma de exterioridade do pensamento não é de modo algum uma outra imagem que se oporia à imagem inspirada no *aparelho de Estado*. Ao contrário, é a força que destrói a imagem e suas cópias, o modelo e suas reproduções, toda possibilidade de subordinar o pensamento a um modelo Verdadeiro, do Justo ou do Direito [...]. Um povo ambulante de revezadores, em lugar de uma cidade modelo” (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p.49).

Potências fomentam sempre novas ideias, ideias que não subordinam-se ao *uno* pois possuem a potência de afirmar a divergência. As ideias seriam uma constituição de elementos diferenciais, de singularidades, de relações diferenciais, de ressonâncias entre séries de convicções.

O traçado nômade é justamente o agenciamento entre a *Máquina de Guerra* e o espaço liso, que é um *locus* de encontros e desencontros:

“Definimos a '*Máquina de Guerra*' como um agenciamento linear construído sobre linhas de fuga. Nesse sentido, a *Máquina de Guerra* não tem, de forma alguma, a guerra como

objeto; tem como objeto um espaço muito especial, espaço liso, que ela compõe, ocupa e propaga." (DELEUZE & GUATTARI, 2012, P. 50, grifos meus)

Na *Máquina de Guerra* não existe uma linguagem superior, locutor ideal ou linguagem central, mas multiplicidades de linguagens diferentes, fluxos subterrâneos onde várias línguas modificam-se. A *Máquina de Guerra* também não possui “o” seu território determinado, pois ela corresponde a uma potência nômade, é capaz de desterritorializar-se em vários graus, de inventar novos territórios e operar movimentos.

“Impulso de liberação, de desembaraçamento, igualmente válido naquilo que chama-se de prática da vida cotidiana ou na vida política: desembaraçar-se das divisões e regras artificiais, dos poderes, das instituições, dos impedimentos, das representações, das ideias feitas, dos clichês; de tudo que desvia e bloqueia os processos postos em movimento. Desembaraçar-se de tudo o que imobiliza, que *sedentariza* (SCHÖPKE, 2004, grifo meu).⁹

Esse trabalho se aproximou das *Máquinas de Guerra* criadas pelos trabalhadores do DAB, por exemplo, a partir de questionamentos pelos quais foram demonstradas as forças em jogo na composição dos discursos, bem como o eixo político e ético a direcionar suas práticas e programas de atenção à saúde. Busquei, então, saber como a Especialização ensinou a invenção de um espaço-tempo no DAB para afirmar a potência de ação de cada “trabalhador em formação”, em cada uma das coordenações em que os especializandos circularam¹⁰. O estudo foi guiado por dois principais questionamentos/axiomas, a saber: o “trabalho no subsolo” e “trabalhadores em formação”.

⁹ Conceito bem desenvolvido por Schöpke (2004), em que inicia seu livro, fazendo uma distinção de “nômade” e “sedentário”: “de um lado temos os filósofos da transcendência, metafísicos por excelência, pensadores de um espaço ‘estriado’; em outras palavras, sedentários. Do outro, os nômades, os verdadeiros habitantes das estepes, homens que transitam em um espaço ‘liso’, pensadores da imanência que fazem do pensamento uma aventura de alto risco. Entre os dois, a diferença é de natureza” (p.14).

¹⁰ O Curso de Especialização em Saúde Coletiva e Educação na Saúde da UFRGS propôs para a turma do ano de 2013-2014, a inserção por rodízio nas seguintes coordenações do DAB: CCGAB, CGAN, CGAA, CGSB, CGAT, CGAD, GTEP)

acerca da Saúde Pública exatamente no lugar onde cada uma é formulada, junto a seus pares interfederativos.

Assim:

“A Especialização constitui educação profissional de pós-graduação *lato sensu* na modalidade ‘em serviço’, sob preceptoria presencial e tutoria em ambiente virtual, além de orientação de serviço. O processo de formação se propõe a articular a área de conhecimento da ‘Saúde Coletiva’ e ‘Educação e Ensino da Saúde’ nos termos da ‘Política Nacional de Atenção Básica à Saúde, do Ministério da Saúde’, (...) onde se verifica evidente deficiência de recursos humanos com as habilidades e competências requeridas pelas políticas públicas nacionais, em especial no escopo da gestão, avaliação, apoio matricial, supervisão institucional e educação permanente em saúde.” (UFRGS, 2013)

A partir da proposta do curso de Especialização, figuraram cinco atores fundamentais: os preceptores, os orientadores, os tutores, os cursistas e os bolsistas.

A preceptoria prestou um papel importante na formação do bolsista. Ele corresponderia ao profissional do serviço, componente da equipe técnica de gestão do DAB, “prestando acompanhamento do profissional bolsista em suas atividades de imersão na prática, atuando presencialmente na modalidade de supervisão.” (UFRGS, 2013).

Aos preceptores, coube o acompanhamento de diversas atividades dos bolsistas, atividades científicas, apoio às demais esferas de gestão do SUS, apoio técnico para a construção de um “raciocínio sanitário em Atenção Básica e orientação de tomadas de decisões no desenvolvimento de atividades específicas, acompanhamento da conduta ética frente a diversas situações no trabalho, bem como participar ativamente da avaliação do profissional bolsista” (UFRGS, 2013).

A tutoria, outra vertente da formação, assim como a roda de singularização, se configurou em um acompanhamento do especializando, um espaço de interlocução com a vida acadêmica e o trabalho, que foi utilizado principalmente para pensar o processo de trabalho de forma protegida. Os tutores foram os mediadores deste espaço, oriundos da UFRGS.

Já os orientadores protagonizaram atividades de integração ensino-serviço, ocuparam-se em dar suporte ao acompanhamento acadêmico supervisionando prática de investigação de campo e bibliografia. O orientador participa do processo de formação articulando as atividades docentes, de tutoria e imersão prática que culminará na elaboração de um trabalho de conclusão de curso obrigatório (UFRGS, 2013).

O projeto abrange todo o território nacional e nessa primeira edição reuniu vinte trabalhadores do próprio DAB, intitulados de cursistas, e vinte alunos dos seguintes Estados: Acre, Bahia, São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Pernambuco e Paraná, chamados bolsistas. As vagas ofertadas para os bolsistas egressos de residências

multiprofissionais ou pós-graduações com ênfase em Atenção Básica foram quinze, já para alunos da Graduação de Saúde Coletiva, cinco.

“A Carga Horária Total da formação especializada em serviço será de 2.880 horas-aula, organizada em momentos de concentração, de dispersão e de imersão prática no Departamento de Atenção Básica, do Ministério da Saúde. A duração do programa formativo será de 12 (doze) meses.” (UFRGS, 2013)

Os momentos de concentração de cinco dias são referentes às aulas presenciais realizadas em Brasília/DF, em meses alternados, totalizando 360 (trezentos e sessenta) horas-aula. Os momentos de dispersão se destinam a diversas atividades, como estudo dirigido individual, estudo em ambiente virtual de aprendizagem (AVA) e orientação para os trabalhos de conclusão de curso (TCC), totalizando 900 (novecentas) horas-aula. Os momentos de imersão prática em cenários de trabalho totalizam 1.620 (mil seiscentas e vinte) horas-aula. A partir das informações apresentadas, é possível notar que a maior concentração do tempo da formação se deu nos momentos de imersão prática, o que sinaliza o enfoque do curso em atividades vivenciadas nos cenários de trabalho, produzindo um aspecto bastante prático à Especialização.

No planejamento das políticas públicas em saúde se inserem as capacidades dos equipamentos nos três níveis de saúde, conforme descrito por Chioro e Scaff (1999), que afirma que a Atenção Básica teria a capacidade de resolutividade de 80% das situações de saúde, sendo 15% para a Atenção Especializada e 5% para Alta Complexidade. O planejamento das ações no cenário da Atenção Básica se faz, então, primordial para o cuidado da saúde da população.

Devido a importância da Atenção Básica, se torna relevante qualificar as ações voltadas para a gestão pública, e a parceria com as universidades tem proporcionado essa realização. A Especialização em Saúde Coletiva e Educação na Saúde cumpriu com esse papel e carregou em seu bojo a dimensão ética da prática em saúde diante do SUS.

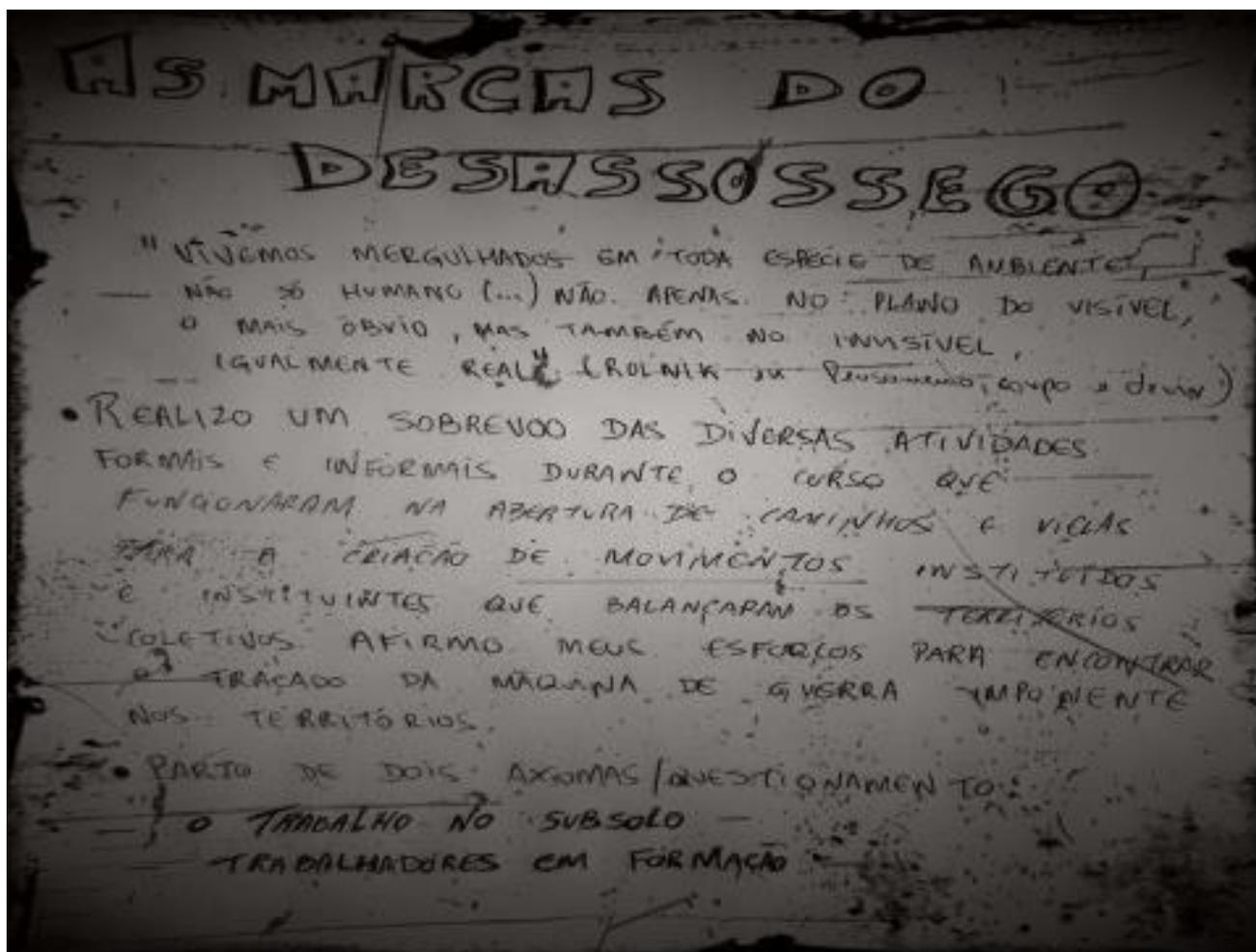
No campo da Saúde Coletiva, a Atenção Básica se encontra na rede de saúde de forma destacada, pois apresenta um cenário que convoca a uma leitura dos problemas de saúde não apenas biomédica, mas social, filosófica, histórica e subjetiva. Todos estes aspectos levantam a importância do delineamento do solo em que pisamos nesses 12 meses e no qual tracei meu itinerário de sentidos:

“Antes de mais nada, o território. Menos que a Terra, mais que uma máquina. Essa compõe corpos humanos e animais com ferramentas/armas/joias em devires. *Nomos*, palavra que designa um território, deriva o Nome, o Número, o Númen (deus antepassado cultuado em determinada região) e a própria numismática, envolvendo a cunhagem de moedas com a efígie do *númen*: abstração numérica do valor, em metal, que o povo extrai do território.” (ZORDAN, 2014, p.1)

Deve-se salientar que a noção de território compreendida aqui não se refere somente ao DAB, mas ao curso de Especialização e a vivência coletiva estabelecida na localidade de Brasília/DF.

Apresento algumas atividades realizadas durante o curso, formais e informais, que funcionaram na abertura de caminhos e brechas para a criação de movimentos capazes de instituir ou embaralhar o instituído nos territórios coletivos. A partir dessas atividades, se apresentaram alguns questionamentos que direcionaram a escrita deste trabalho. Estes questionamentos me permitiram um sobrevoo dos diversos atravessamentos que permearam a vivência e formação em saúde dos trabalhadores do DAB, e que reforçou meu empenho em encontrar o traçado da *Máquina de Guerra* por lá.

Figura 7- As marcas do desassossego



Fonte: Diário de Campo

A inserção dos bolsistas nas coordenações seguiu um desenho institucional que priorizou duas coordenações, quais sejam: Coordenação Geral de Gestão da Atenção Básica (CGGAB) e Coordenação de Avaliação e Acompanhamento (CGAA), nas quais dez alunos se estabeleceram por seis meses e suas atuações foram pensadas por meio de frentes de trabalho, podendo os mesmos

transitar entre as duas coordenações. As frentes de trabalho vigentes na CGGAB e CGAA foram respectivamente: Gestão do Trabalho e Mais Médicos, Consultório na Rua e Caminhos do Cuidado, Populações Específicas, Telessaúde, Rede Cegonha e o Apoio Institucional; PMAQ e e-SUS.

Nas demais coordenações o trabalho também foi dividido por frentes, porém seu tempo de atuação foi reduzido para três meses em uma coordenação e três em outra. Dessa forma, dez alunos circularam pelas duas coordenações durante seis meses e os outros dez entre as demais coordenações. As frentes de trabalho permitiram diferentes olhares de dinâmicas da gestão de trabalho e articulação institucional.

Todo espaço formal de formação e trabalho, que pode-se denominar como “espaço estriado”, convive com seus entre-lugares. Por exemplo, entre uma coordenação e outra há um corredor, um lugar iminente de passagem, que podemos chamar de “espaço liso”, que abriga seus transeuntes e permite transbordamentos do desejo, pensamentos nômades que estão à margem dos discursos prontos e reprodutores de práticas arcaicas. Além do corredor do departamento, as aulas e tutorias do curso dispararam muitos movimentos nômades¹¹.

As aulas ministradas no curso também foram fontes de linhas de fuga. As temáticas que permearam a formação levaram a todos, trabalhadores e “trabalhadores em formação”, a questionarem a função da academia frente ao pragmatismo aparentemente alienante do trabalho. Quais os sentidos emergentes dessa relação entre ensino e serviço? A fusão desses territórios traz à tona os campos de saber que sustentam as políticas públicas e o modo como as mesmas estão formuladas.

Uma atividade criada com o intuito de balizar a formação dos especializandos e trabalhadores do serviço foi a chamada Roda de Singularização. Esse encontro semanal cujo cenário foi o DAB reuniu preceptores, trabalhadores e “trabalhadores em formação”. Foi proposta para funcionar como um espaço mais protegido de exercícios e problematizações do processo de trabalho e que parte do desejo dos participantes, levando em consideração suas vivências anteriores, seja nos serviços de assistência, seja nos espaços de gestão.

A Roda de Singularização inicialmente se propôs a ser um espaço institucional de cuidado do gestor, onde cabia o exercício de levantar questões a respeito do processo de trabalho, pactuações acerca dos rumos dessa formação em serviço e compartilhamento de vivências em busca

¹¹ “O espaço liso e o espaço estriado, - o espaço nômade e o espaço sedentário, - o espaço onde se desenvolve a máquina de guerra e o espaço instituído pelo *aparelho de Estado*, - não são da mesma natureza. Por vezes podemos marcar uma oposição simples entre os dois tipos de espaço. Outras vezes devemos indicar uma diferença muito mais complexa, que faz com que os termos sucessivos das oposições consideradas não coincidam inteiramente. Outras vezes ainda devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não pára de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso.” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.180)

de fortalecer a interação e cooperação entre trabalhadores e especializandos. Dessa forma, acompanhamos a elaboração de diversos modos de fazer política que apontaram diferentes direções.

Ao passar do tempo, a roda sofreu um certo esvaziamento em função de agendas de trabalho e de interesses diversos que serão abordados mais à frente. Posteriormente, cada encontro passou a ser organizado por temas, após sugestão de todos os envolvidos no processo, a partir desse outro formato foi possível a aproximação das pautas vivenciadas pelos trabalhadores e suscitaram diversos questionamentos acerca das práticas da gestão em que estávamos vivenciando como o Programa Mais Médicos, financiamento por desempenho, Saúde Mental, Agente Comunitário de Saúde, Gestão e Trabalho em Saúde.

A Roda de Singularização funcionou como um dispositivo que acolheu os grupos de trabalhadores e especializandos e pôde constituir inclusive uma *Máquina de Guerra*, pela produção de movimentos e fluxos. Tangenciou outros modos de “fazer gestão”¹² e configurou um espaço privilegiado para as colocações de diversas ordens dos grupos, fato este que fez oscilar intensamente a potência de agir dessas pessoas. A roda de singularização se transformou em um marcador importante de aproximação dos especializandos com os trabalhadores, programas e políticas vigentes na área da saúde.

Outra atividade que envolveu os trabalhadores e os especializandos foi o período das cartografias. No primeiro mês de vivência no DAB, houve a oferta de uma atividade de reconhecimento do território de atuação por meio de cartografias de todas as coordenações do DAB, na perspectiva de chegarmos mais perto da organização do trabalho e de como é operado, bem como seus efeitos nos trabalhadores. Vale aqui considerar alguns pontos que emergiram desse primeiro momento: contexto político norteando prioridades de ações, comunicação entre as coordenações e fragmentação do trabalho, comunicação intersetorial, rotatividade de profissionais e memória institucional, o Ministério da Saúde como lugar de passagem, a militância no trabalho e cogestão de responsabilidades, Educação Permanente e qualificação profissional, Saúde do trabalhador.

No sentido de pensar processos de produção de conhecimento em saúde, paradigmas e desenhos da pesquisa em saúde, me coloquei a refletir sobre os pensamentos que permeiam minha ações e sensações no plano do empírico: o que nos permite decidir o que considerar ou deixar “de

¹² Embora saiba que o sentido estabelecido pela NOB-SUS 01/96 distingue normativamente os sentidos dos termos “gestão” e “gerência” (ANDRADE, PONTES & JUNIOR, 2000), opto por utilizar “gestão” para designar todos os modos de “uma gestão mais coletiva que se impõem para orientar as ciências e as técnicas em direção a finalidades mais humanas. Não podemos nos deixar guiar cegamente pelos tecnocratas dos aparelhos de Estado para controlar as evoluções e conjurar os riscos nesses domínios, regidos no essencial pelos princípios da economia de lucro.” (Guattari, 1990, p.24)

fora” em nossas ações. Essa perspectiva que privilegia uma compreensão sensível e micropolítica do mundo inspirou o presente ensaio cartográfico, considerando como “micropolítica” os modos inventivos de estar no mundo, como propõem Ceccim & Merhy (2009):

“A micropolítica opõe-se à política das vigências disciplinares, das racionalidades hegemônicas, é a política do minoritário, das forças minoritárias, resistência aos instituídos, resistência ao saber-poder-desejo hegemônico, disputa por outros modos de ser-existir-agir, inventivos, criativos, em ato”. (p. 533)

A partir desta perspectiva micropolítica, retomo um conceito citado anteriormente que se mostra útil em minhas reflexões acerca da experiência de um ano no DAB: a *Máquina de Guerra*. Meu olhar das acelerações e lentidões, de aproximações e afastamentos de territórios afetivos, subjetivos, de ordem organizacional, de poder e de desejo, caracterizou as nuances do itinerário cartografado aqui. Percorri territórios sempre transitórios, dinâmicos, tensos, críticos e criativos, carreando ambos os conceitos destacados, que serviram para iluminar as linhas de fuga e maneiras plurais de habitar um espaço:

“(…) a distinção de duas modalidades de temporalização e de espacialização configuram novas direções para a compreensão das sociedades: não defini-las por suas contradições, mas por suas *linhas de fuga*; considerar não as classes e sim as minorias como potências revolucionárias; definir as *máquinas de guerra* não pela guerra, mas, antes, por um certo modo de ocupar e de inventar novos blocos espaço-temporais. (ABREU FILHO, 1998, p. 146)

Nessa construção de valores importantes para a formação de profissionais para o SUS caminhamos por vários momentos que puderam atabalhoar fronteiras indenitárias¹³. Tais momentos são vitais na prática dos trabalhadores que atuam na gestão federal, pois é necessário estar atento para não atropelar as verdades e singularidades postas por cada gestor.

A cidade de Brasília/DF também se configurou como um “espaço liso” que proporcionou diversos encontros para os trabalhadores em formação. Os encontros aconteceram nas ruas, parques, praças, bares, lago, hotéis, clubes e quadras, criando um estreitamento de relações e entrelaçamento de afetividades que desbancavam um certo tom individualista do espaço de trabalho. O desafio para a turma colocado se referia a habitar Brasília por um ano, a transformá-la em nossa “casa”. A “ciganada” teria como mote habitar e se integrar ao lugar.

¹³ Aqui evoco o conceito de “multidão” de Negri (2004), através do qual é possível pensar um conjunto de atores que, em suas relações intersubjetivas, nos colocam frente regimes de verdade que produzem normas e repetições, e regimes de singularidades que produzem diferenças. “Multidão é o nome de uma imanência. (...) A multidão é um conjunto de singularidades. A potência da multidão (de singularidades que trabalham, agem e, às vezes, desobedecem) pode eliminar a relação de soberania.”

Imagem 1- Pôr do sol no lago Paranoá



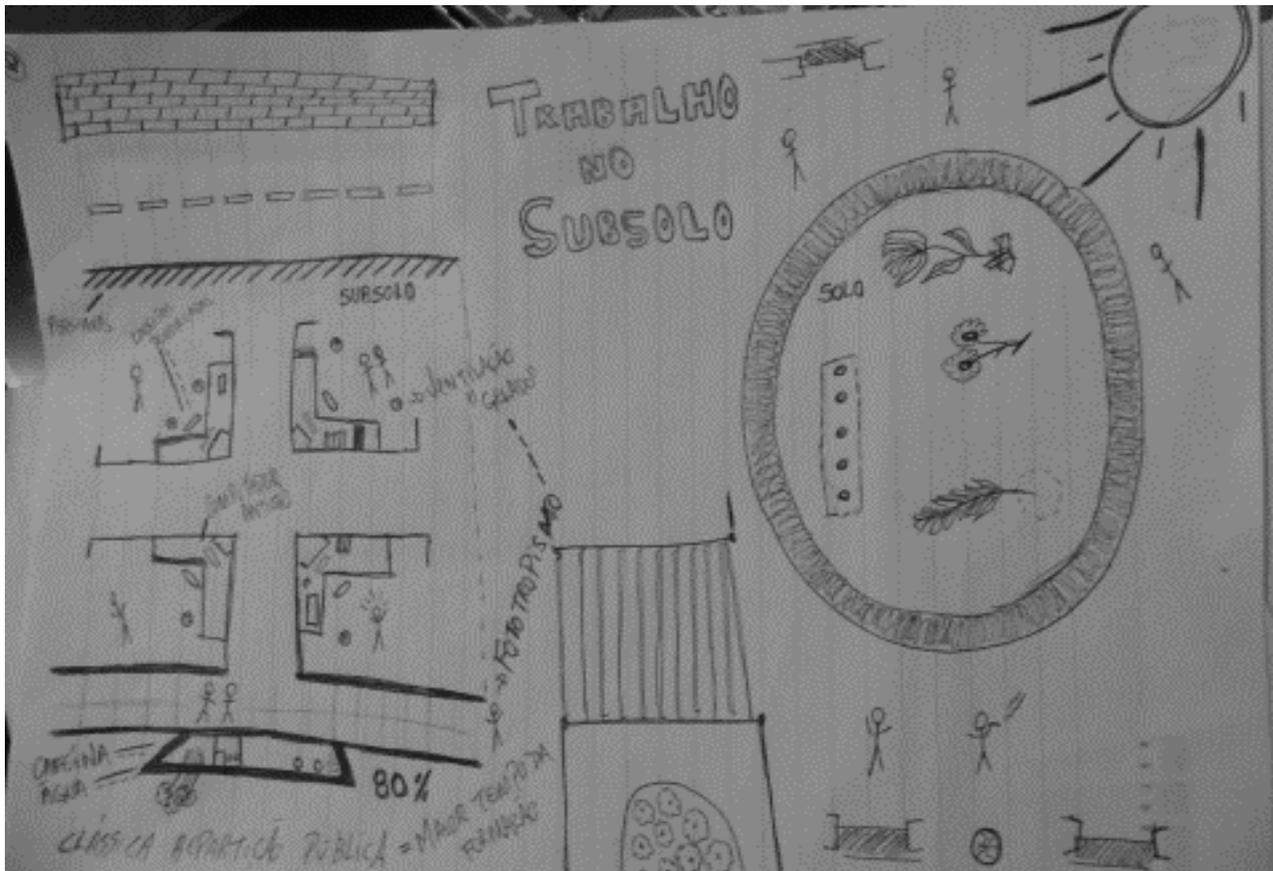
Fonte – Portifólio fotográfico da autora, 2014.

Assim como nos apropriar da cidade de Brasília, iríamos nos apropriar do Ministério da Saúde, em suas múltiplas entradas. O nosso percurso em Brasília iria formar coletivamente a nossa postura frente à Atenção Básica sob o mote: que morada pretendemos construir? que SUS pretendemos construir?

Todos os territórios citados funcionaram nesse estudo como um traçado de múltiplos agenciamentos dos *perceptos*, *afectos* e das normas experimentadas nessa jornada, portanto foi necessário prestar atenção em alguns questionamentos emergentes no cotidiano da especialização. O que cada estudante faz ali, a partir da sua formação e dos afetos gerados? Quais os valores que norteiam suas práticas? Qual é o cenário de trabalho? Quais são os vínculos de trabalho possíveis no DAB e quais os predominantes? Por meio destas questões, tracei o mapa de meus itinerários, considerando tudo o que consegui apreender no contexto principal e nas margens, a fim de apreender a produção de distinções, a gestão das práticas de trabalho cotidianas, os silenciamentos e verbalizações frutos do processo de trabalho.

5. PISO “AUDITÓRIO”: O TRABALHO NO SUBSOLO

Figura 8 – Trabalho no subsolo



Fonte: Diário de Campo

“Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados.”¹⁴

O Ministério da Saúde é dotado de uma engrenagem complexa que porta diversas conexões setoriais. A parte que habitamos é chamada de Atenção Básica ou DAB e é conhecida por ser um lugar mais arejado ideologicamente, onde imperariam os discursos mais livres e humanos.

A estrutura física do DAB inicialmente situado no Edifício Sede do Ministério da Saúde sofreu algumas realocações de suas repartições devido a ampliação dos seus serviços. Hoje, o DAB está situado no subsolo de um edifício novo todo espelhado, intitulado de Edifício Premium - Torre II - SAF Sul - Piso Auditório no subsolo.

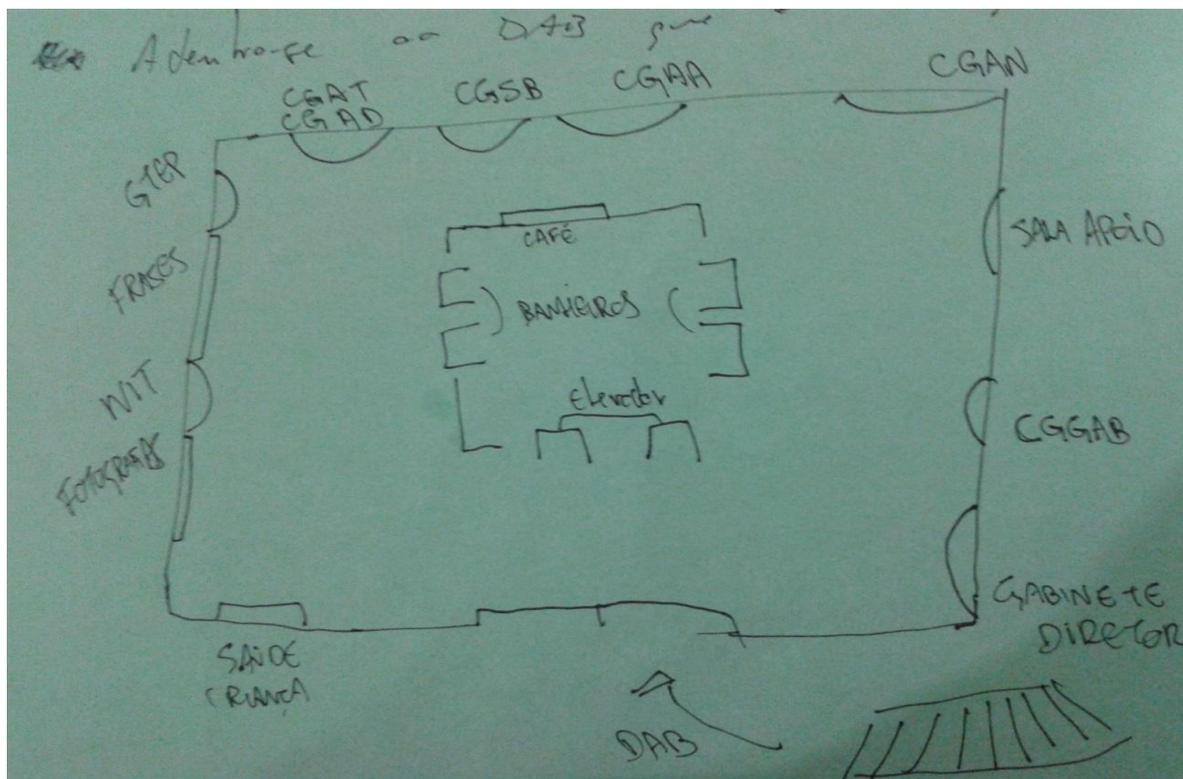
O acesso ao departamento para a maioria dos trabalhadores é a mesma, passam por uma portaria e apresentam seus crachás aos guardas, quem não o tiver apresenta documento com foto e está liberado, quem é servidor coloca o dedo na máquina ao lado, agora só falta mais alguns passos

¹⁴ DELEUZE, Gilles. *A literatura e a vida*. In: *Crítica e Clínica*. Ed. 34.

para finalmente acessar o piso de destino, a última etapa é responder sempre a mesma pergunta do esquema de segurança: A senhora possui equipamentos eletrônicos, computador? Caso possua deve preencher um formulário que você apresentará na hora da saída, se não possuir é liberado para descer uma escada em espiral muito higienizada e que tem como plano de fundo um espelho d'água, ao final da escada você encontra uma porta de vidro com o emblema do carro chefe da Atenção Básica, o Programa Saúde da Família.

Após a porta de vidro damos de frente com dois os elevadores e você visualiza duas opções para adentrar o departamento, uma pela esquerda e outra pela direita, ambas as entradas dão acesso a todas as coordenações, uma vez que o departamento tem o formato de um quadrado. A seguir apresento uma imagem feita a próprio punho do DAB:

Figura 9 – Vista panorâmica do Departamento de Atenção Básica

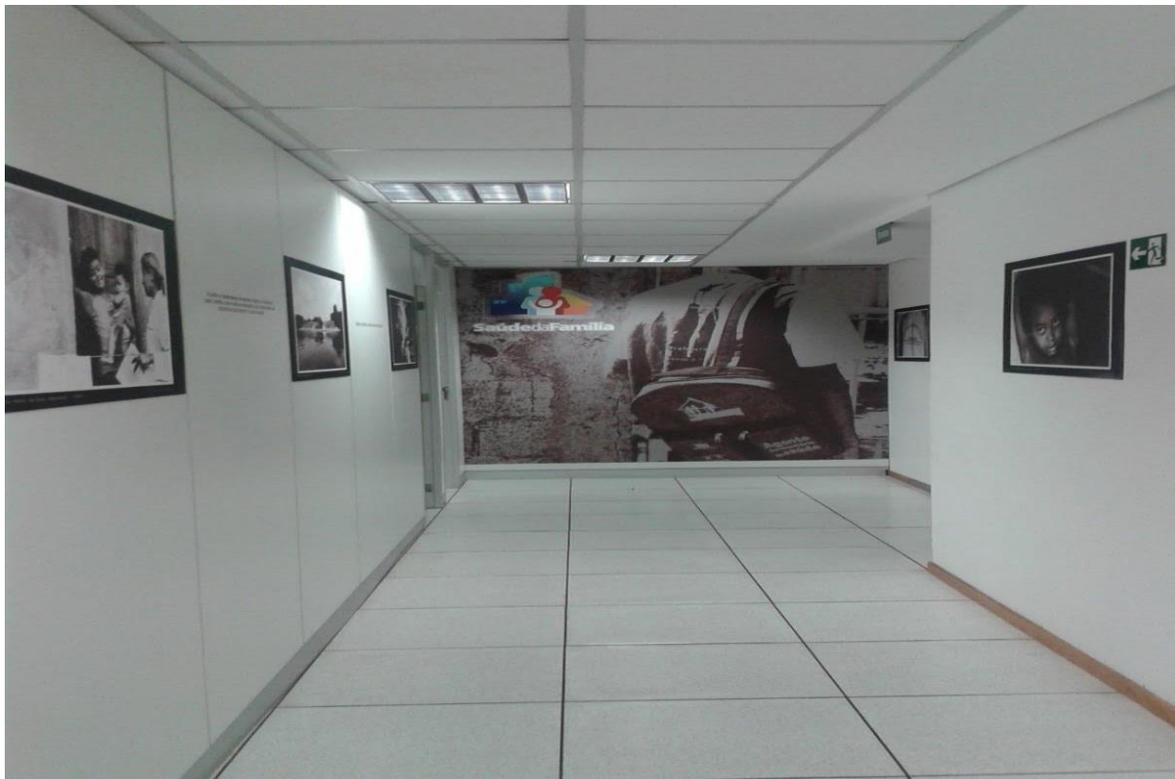


Fonte: Diário de Campo

Nas paredes dessa estrutura encontram-se muitas fotografias em preto e branco do povo brasileiro sendo atendido pelos profissionais da atenção básica em todo território brasileiro: bebê em balança, velhinhos sorrindo, pessoas atravessando o rio de barco, cenas de visitas domiciliares, retratos da face sofrida e alegre de uma mulher cuidadora de uma família. Entre as fotos há frases dos trabalhadores da saúde, inclusive gestores, assinalando a potência da atenção básica, seu largo alcance em solo brasileiro e o orgulho de ser esse trabalhador – o amor dedicado e sua implicação

política – palavras que dizem das apostas que fizeram a diferença na vida da organização e do povo. Aqui apresento imagem real feita em meados de setembro/13.

Imagem 2 – Corredor do Departamento de Atenção Básica



Fonte: Portifólio Fotográfico

A sensação primeira ao pisar no piso foi de instabilidade, parecia que aqueles quadrados brancos eram movediços. O espaço era grande e de rostos desconhecidos, de muitas portas que substancialmente abrigavam todos os programas de saúde que eram desenvolvidos em território brasileiro na Atenção Básica. Fomos muito bem recebidos com materiais didáticos sobre as Políticas ali vigentes, com sorrisos e abraços fortes compostos de olhares cheios de expectativas e outros desconfiados para os novos integrantes das equipes. Após a circulação pelo espaço de aproximadamente um mês referente ao momento cartográfico proposto para reconhecimento do local, o chão parecia mais firme, o espaço menor e os trabalhadores permaneceram acolhedores.

Nesse processo inicial algumas inquietações tomaram forma, como esse território se estrutura fisicamente, sua localidade geográfica, sua arquitetura, como se estrutura em termos de organização o Ministério da Saúde, quais são seus setores e como seus trabalhadores se distribuem. Assim, o *espaço estriado* do departamento e seus arranjos institucionais, suas relações instituídas,

as quais podemos chamar de *linhas duras*¹⁵ já estavam minimamente delineadas e assim cedeu lugar às outras linhas em um processo de entendimento das *linhas de fuga*¹⁶, linhas de intensidades e sensibilidade, que se caracterizam mais pela composição de um *espaço liso* e movimentos instituintes que podem conformar uma *Máquina de Guerra* e que nos faz indagar: Como esse território em qual eu habito se movimenta? Qual a relação desse território com outros territórios? Qual o perfil profissional de seus habitantes? Qual o gênero de seus vínculos? Quais as relações de força e que movimentos liberam ou impedem? Quais são as linhas de criação e repetição que percebo nesse território? Como lido com elas e de que forma as (re)produzo ou não? Quais são os enunciados que perpassam os sujeitos nesse território? Como me relaciono com estes enunciados? De que forma o sujeito se relaciona consigo mesmo e com as outras nesse território? Como é para mim essa relação comigo mesmo e com o outro?

As linhas de intensidade e sensibilidades são marcadores que desviam das linhas instituídas, por isso são chamadas de instituintes e geralmente abrem um certo tipo de jurisprudência onde atua, tais linhas são da ordem da produção desejante feita de momentos *finito e ilimitado*¹⁷, as sensações emergentes dessas linhas podem ser traduzidas pelas sensações que uma obra de arte nos provoca.

Figura 10 - Salvador Dalí realizou em 1957 a obra “Girafas queimando e telefones – as sete artes”



Fonte: Website girafamania, 2014. Disponível em: <http://www.girafamania.com.br/artistas/dali-girafa2.jpg>.

¹⁵ São linhas visíveis e finitas “ela cria roteiros de circulação no mundo: diretrizes de operacionalização para a consciência pilotar os afetos” (ROLNIK, 2006, p.51).

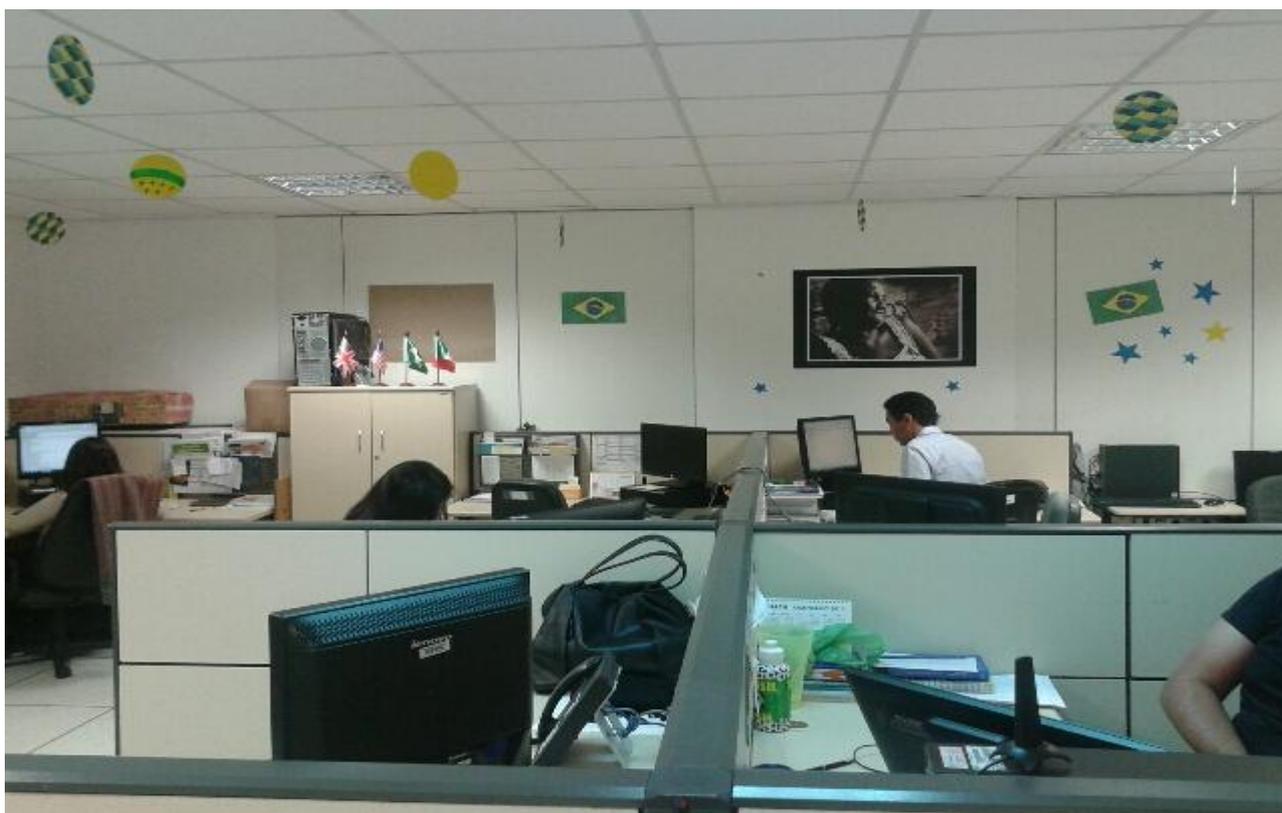
¹⁶ É a linha dos afetos, invisível e inconsciente é “uma linha abstrata, um puro movimento difícil de descobrir, ele jamais começa, toma as coisas pelo meio, está sempre no meio” (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 148).

¹⁷ (ROLNIK, 2006, p.75).

Em cada uma dessas linhas de ruptura do cotidiano há um sinal, uma pequena brecha para entre olharmos o que se viveu, é cortar da experiência aquilo que lhe é mais caro, e nos meandros do cotidiano tatear seus efeitos, sem portanto entrar em guerra de interpretações e sem a ilusão de representar qualquer instituição, mas apenas espreitar os acontecimentos rompantes, os processos instituintes para alcançar uma atmosfera de potência coletiva que pareceu ter se instalado no momento da chegada da especialização no DAB.

O subsolo onde está situado o departamento foi bastante evidenciado pelos trabalhadores, como um local por vezes muito gelado, se tornando “inóspito” por alguns momentos, muito dessa percepção é explicada pelo esquema de ventilação autônomo utilizada para todas as coordenações. Por isso alguns trabalhadores, em alguma hora do dia, se encaminham para o piso térreo afim de desfrutar de um banho de sol, como se fossem plantas em movimento de fototropismo. O subsolo com vistas aos estacionamentos e pedaços de grama, também é caracterizado pelo pouco sol que bate e quase sempre é obstruído pelas persianas, a visão panorâmica é de uma clássica repartição pública, com suas cadeiras demarcadas e computadores antigos.

Imagem 3 – Vista da Coordenação Geral de Avaliação e Acompanhamento



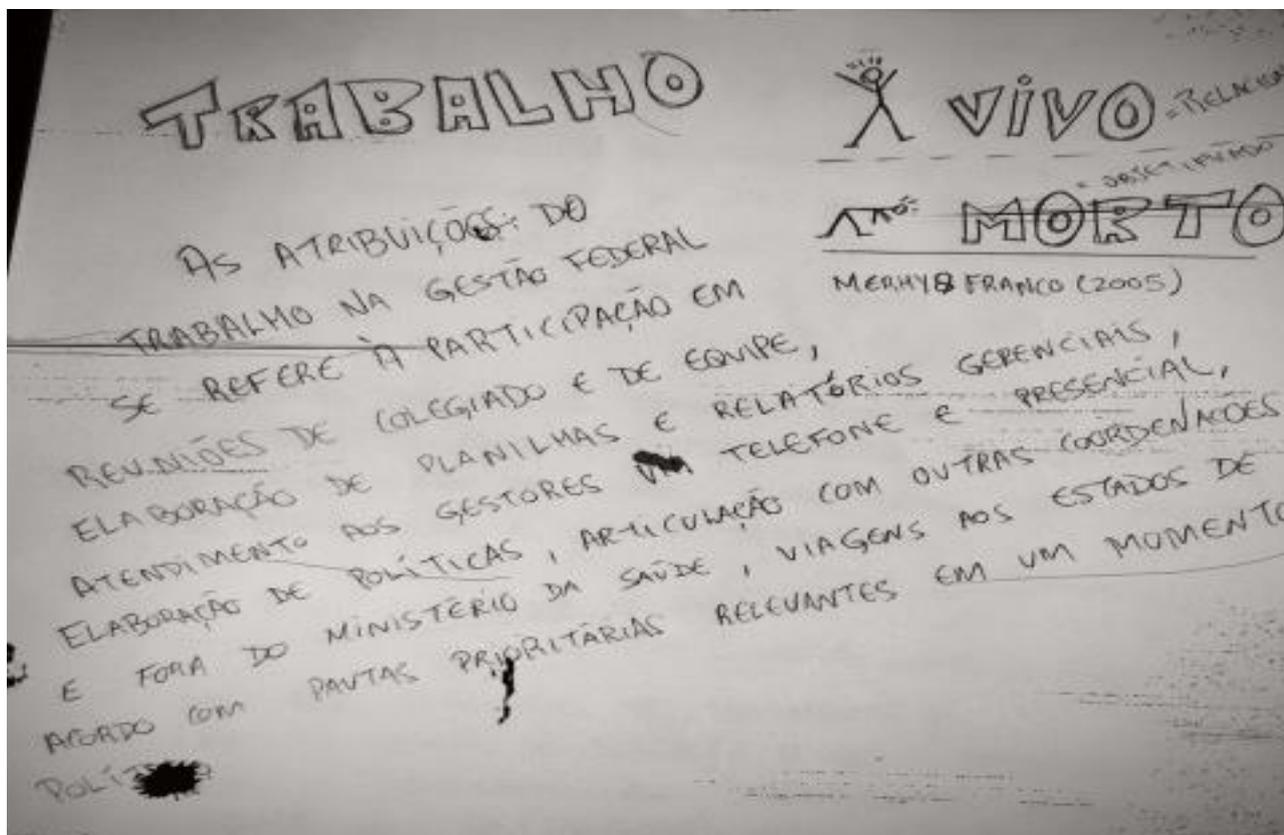
Fonte: Portifólio Fotográfico

A ambiência de modo geral atrelado a dinâmica de trabalho nos fez experimentar diversas situações que deflagraram variadas sensibilidades. Trago aqui para conversar sobre essas

impressões Merhy e Franco (2005), que lançam a ideia de *trabalho vivo* e o *trabalho morto*. O trabalho vivo em ato direciona a noção dos sentidos dos encontros que se tecem em um ambiente. As atribuições de um trabalho na gestão federal se refere à participação em reuniões de colegiado e de equipe, elaboração de planilhas e relatórios gerenciais, atendimento aos gestores municipais presencialmente e nas ligações telefônicas, articulação com outras coordenações e fora do Ministério da Saúde, viagens aos estados dos brasileiros de acordo com pautas prioritárias relevantes em um momento político.

O trabalho feito em ato chamamos de “trabalho vivo em ato” e o trabalho feito antes que só chega através do seu produto, o aço, chamamos de “trabalho morto”. O trabalho vivo em ato nos convida a olhar para duas dimensões: uma, é a da atividade como construtora de produtos, de sua realização através da produção de bens, de diferentes tipos, e que está ligada à realização de uma finalidade para o produto (para que ele serve, que necessidade satisfaz, que “valor de uso” ele tem). A outra dimensão é a que se vincula ao produtor do ato, o trabalhador, e sua relação com seu ato produtivo e os produtos que realiza, bem como com suas relações com os outros trabalhadores e com os possíveis usuários de seus produtos. Detalhar estas duas dimensões é fundamental para entendermos o que é o trabalho como prática social e prática técnica. Como ato produtivo de coisas e de pessoas. (MERHY&FRANCO, 2005, p.2)

Figura 11 – Trabalho vivo e trabalho morto

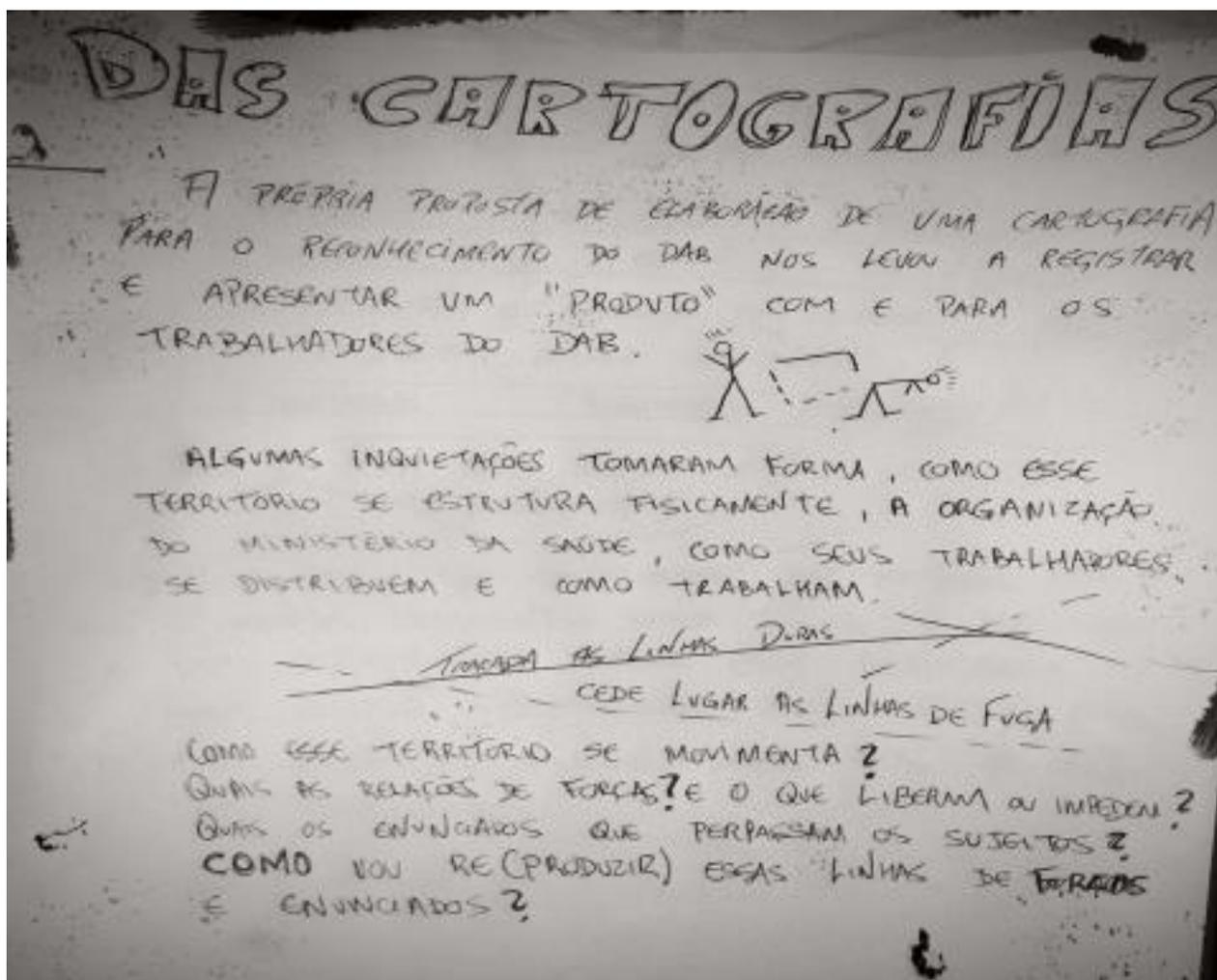


Fonte: Diário de Campo

De acordo com o detalhamento do trabalho proposto pelos autores, partiremos da experiência da especialização, a partir do recorte dos “trabalhadores em formação” para avaliar os efeitos dos encontros, dando contorno e forma ao que hoje pede passagem, ao que pulsa, vive, e que incessantemente se expande para novas conexões, inclusive numa experiência de ensino em serviço. Há muitas *linhas duras* e *linhas de fugas*, instituídos e instituintes e nesse processo de escrita me deparo com uma dificuldade de articular e identificar as *linhas de fuga* mesmo quando o que mais queria era escrever sobre agenciamentos inéditos, novas articulações dessa experiência. No mais, frente a uma inspiração cartográfica tento colocar a frente as perspectivas do *trabalho vivo em ato* em suas duas dimensões no exercício dessas atribuições.

No período de elaborações das cartografias do departamento como já me referi anteriormente, já podemos começar a preencher as duas dimensões do *trabalho vivo em ato*. A própria proposta de elaboração de uma cartografia nos leva a registrar e apresentar um “produto” com e para os trabalhadores do departamento.

Figura 12 – Cartografias do DAB



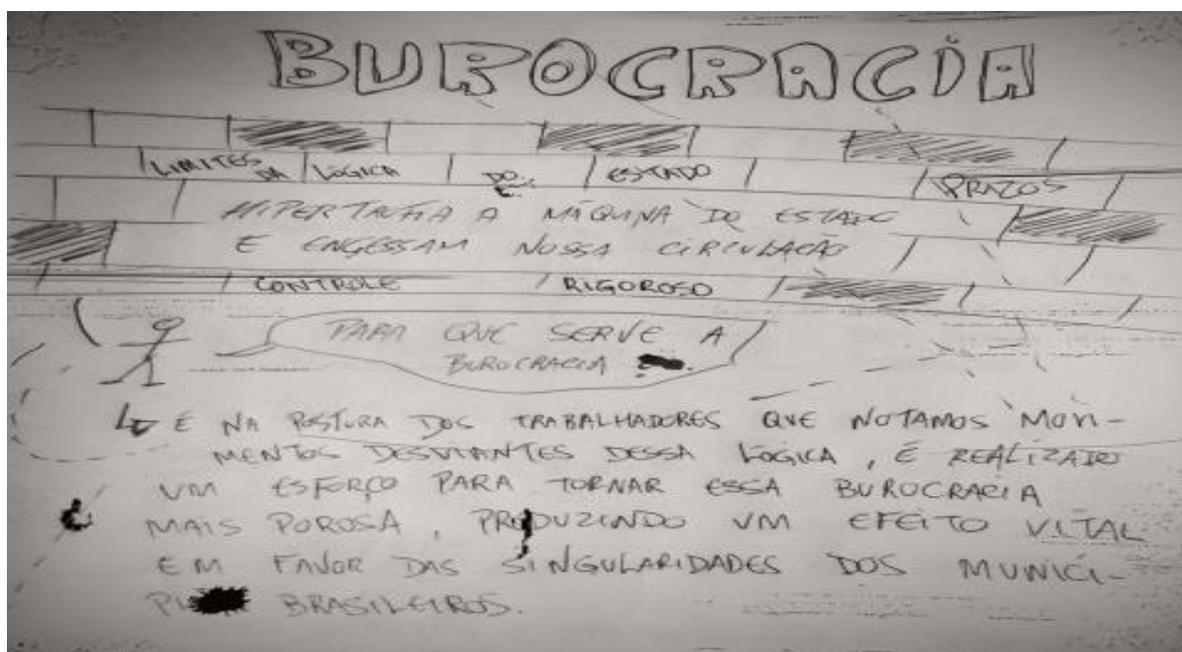
Fonte: Diário de Campo

A iniciar pela metodologia cartográfica que permitiu percorremos o movimento das dinâmicas trabalhistas, ao mesmo tempo em que nos deparávamos com o entendimento desses trabalhadores sobre nossa chegada no departamento. Pois como diz Rolnik(2005) em sua tese de doutorado intitulada *Cartografia Sentimental da América*, “uma cartografia, diferente dos mapas que constituem uma representação estática de um todo, é a criação de um desenho que acompanha simultaneamente as transformações da paisagem culminando assim em um relevo singular. No caso das paisagens psicossociais, uma cartografia acompanha a perda de sentido de certos universos que se tornaram obsoletos e a invenção de outros que possibilitam a passagem dos afetos contemporâneos.”

A atividade cartográfica trouxe um pouco a percepção concreta da parte burocrática da gestão federal, variando seu rigor em cada coordenação. A burocracia, como já conhecemos nos contextos institucionais, hipertrofia a máquina do estado denotando que as leis engessam nossa circulação por essa máquina e nos faz pensar sobre a nossa disponibilidade para lidar com elas e questionar para que serve a burocracia e para que serve o Estado. Os órgãos de controle nos coloca frente aos limites da lógica do Estado e nos convoca a um controle rigoroso da execução das ações pelo território brasileiro, cerceando muitas vezes as singularidades de uma localidade no território nacional, principalmente no que tange ao financiamento dos programas da saúde.

[...] como instrumento de “socialização” das relações de poder, a burocracia é – para quem controla o aparato burocrático - um instrumento de poder de primeira ordem. E, onde a burocratização da administração foi completamente realizada, uma forma de relação de poder se estabelece de modo praticamente inabalável. O burocrata profissional está preso à sua atividade por toda a sua existência material e ideal. Na grande maioria dos casos, ele é apenas uma engrenagem num mecanismo sempre em movimento, que lhe determina um caminho fixo (CARVALHO, 2003, p.2).

Figura 13 – Burocracia

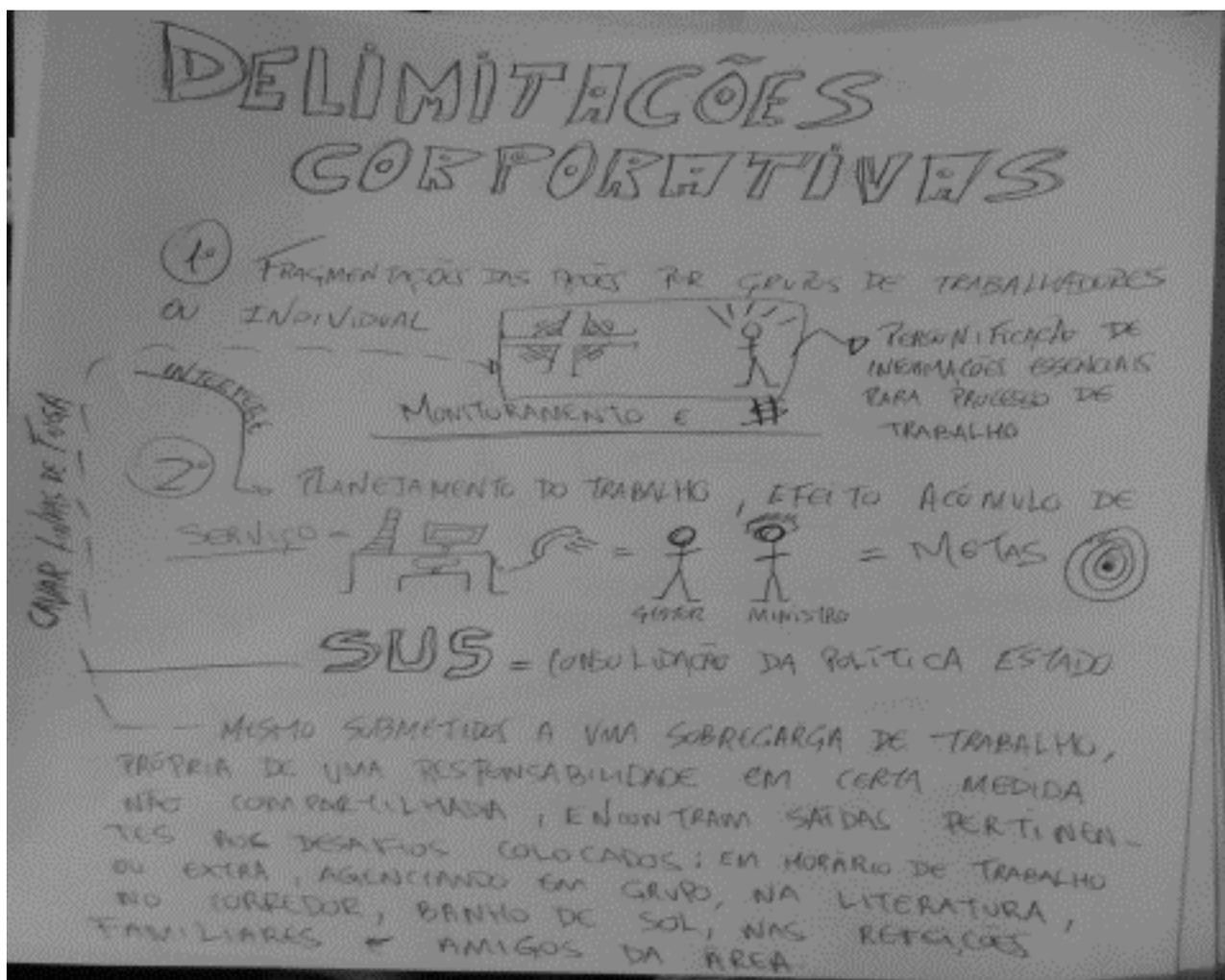


Fonte: Diário de Campo

Porém, é na postura dos trabalhadores que notamos movimentos desviantes dessa lógica, há um incômodo institucional com a burocracia que sempre é sanado pelo apoio jurídico e de acordo com as necessidades de fomento de determinado programa é realizado um esforço para tornar essa burocracia mais porosa, produzindo um efeito de desburocratização vital em favor dos estados e municípios.

Outras percepções ocorreram variavelmente em reuniões de equipe e nas ações de cada frente de trabalho. Se traçarmos de um desenho da organização de trabalho emergirá visivelmente duas delimitações corporativa, onde se retratam as *linhas duras*, a primeira diz respeito a personificação de tarefas e a segunda ao planejamento do trabalho.

Figura 14 – Delimitações corporativas



Fonte: Diário de Campo

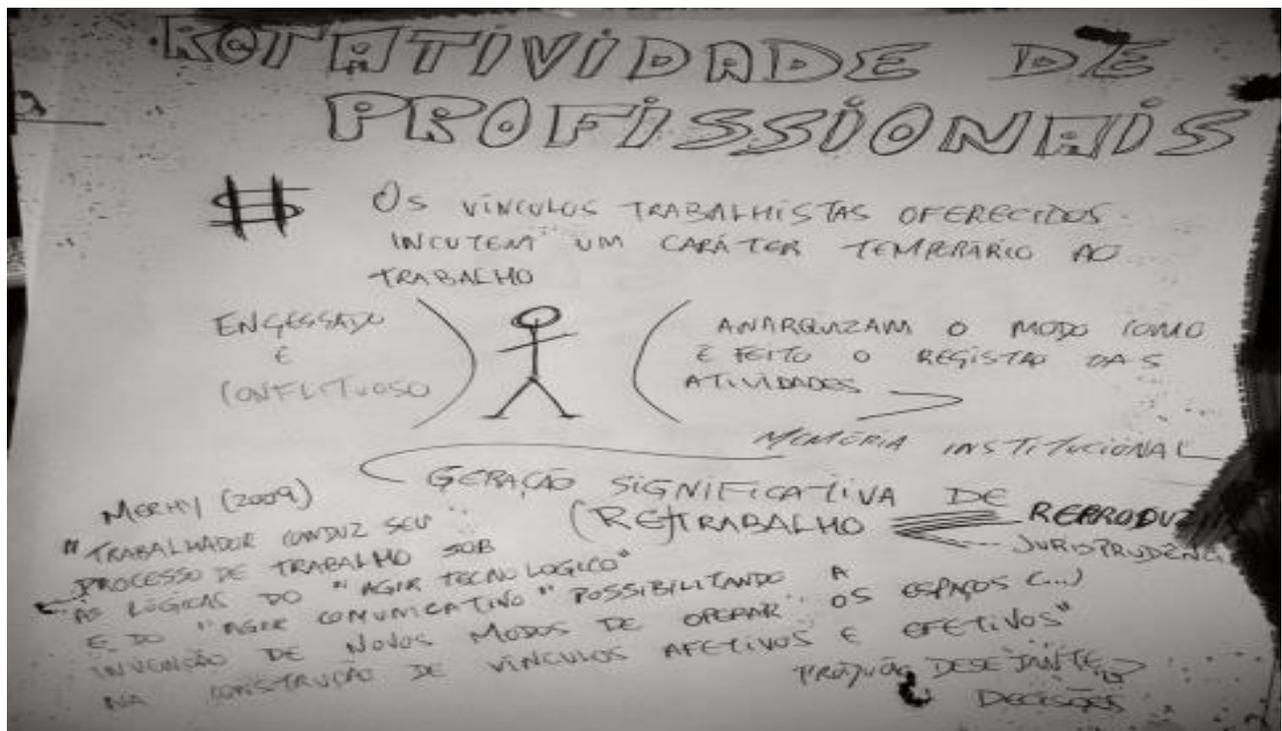
A primeira ocorre a partir da fragmentação das ações por grupos de trabalhadores, ao passo que cada grupo ou mesmo uma pessoa tem o domínio e entendimento de uma determinada tarefa configurando a personificação de informações essenciais para o funcionamento do processo de trabalho, principalmente aos dados atrelados às tecnologias de informática, o que pode causar complicações para o monitoramento dos programas.

A segunda se refere a uma interferência no planejamento do trabalho advindo da personificação de algumas atividades produzindo o efeito de acúmulo de serviço, uma sobrecarga de trabalho atrelada ao cumprimento de metas, devido ao atendimento das demandas espontâneas, seja de um gestor ou do próprio Ministro da Saúde. Ampliando o olhar para o Sistema de Saúde, tal organização pode dificultar sua consolidação no alcance de uma política de Estado.

Aqui as *Máquinas de Guerras* operadas pelos trabalhadores mergulhados nessa lógica, mesmo submetidos a uma sobrecarga de trabalho própria de uma responsabilidade em certa medida não compartilhada, ainda assim, cavam suas *linhas de fuga*, e encontram saídas pertinentes aos desafios colocados, em horário de trabalho ou extra, furando o esquema forjam agenciamentos no grupo, na literatura sobre o tema, nas conversas de corredor, no banho de sol, durante as refeições e quiçá até com seus familiares e amigos da área.

Outro tema importante a se questionar, que inclusive acontece no âmbito da assistência é a rotatividade de profissionais.

Figura 15 – Rotatividade de profissionais



Fonte: Diário de Campo

Aqui aproveito para dizer sobre o caráter transitório, de *zona autônoma temporária*¹⁸ do DAB. Os vínculos trabalhistas oferecidos incutem um caráter temporário ao trabalho, que se por um lado assume uma característica de modificar configurações de trabalhos engessadas ou conflituosa para a instituição, por outro lado, anarquizam o modo como é feito o registro das atividades, as quais influenciam na constituição de uma memória institucional, que por sua vez incide diretamente na qualidade do trabalho no que concerne à geração significativa de retrabalho, atravessando o viés processual dos trâmites vigentes.

Dessa perspectiva afirmamos a coexistência da *Máquina de Guerra* e do *Estado*, do entrelaçamento do *espaço liso* e do *espaço estriado*, das *linhas duras* e das *linhas de fuga*, fato este que corrobora para retirarmos a noção de julgamento moral da instituição e das pessoas que dela fazem parte e assim lembrar como diz Merhy(2009) quando supõe que o trabalhador “conduz seu processo de trabalho sob as lógicas do “agir tecnológico” e do “agir comunicativo” possibilitando a invenção de novos modos de operar os espaços(...) na construção de vínculos afetivos e efetivos.” O mencionado sugere que o trabalhador é “dono” de seu processo de trabalho e sua produção desejante orienta suas decisões, inclusive a de estar mergulhado nesse cenário, ora no subsolo, ora sob o sol.

Nos meandros do DAB perpassamos indagações provenientes da comunicabilidade entre as coordenações e intersetorial. O cenário de interação institucional é necessário para o caminhar dos processos de trabalho e se torna vital em determinados programas. A comunicação entre as coordenações se faz visível nas ações do Programa de Melhoria do Acesso e Qualidade da Atenção Básica (PMAQ) que transversaliza as coordenações por abarcar em seus instrumentos de Avaliação Externa programas como o NASF e a Saúde Bucal e, ainda, realiza interface importante com as universidades. Já o diálogo entre Ministérios, se destaca o Programa Saúde na Escola(PSE) que tem como eixo estruturante a intersetorialidade com o Ministério da Educação.

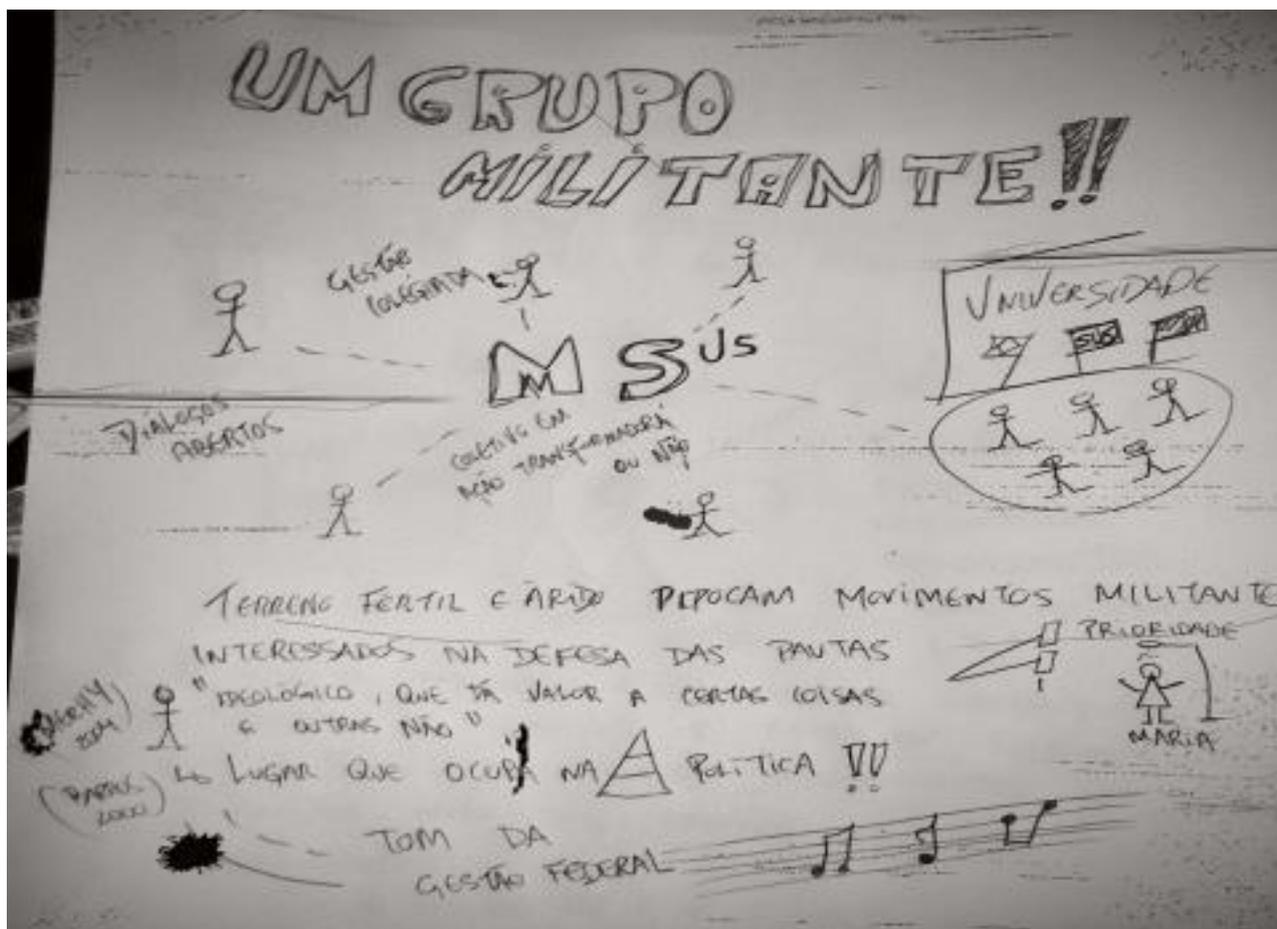
Nesse ínterim é digno de nota os ruídos da instituição por meio da disponibilidade dos trabalhadores de travar diálogos abertos ou não que fomentam a construção e consolidação dos programas. A amplitude das agendas provoca a colisão de diversos interesses políticos. Nesse terreno árido e fértil pipocam os movimentos militantes e interessados na defesa das pautas. Nesse contexto, quero salientar como indica Merhy (2011) aparece “um sujeito ideológico, um sujeito da “cultura”, ou seja, um sujeito interessado que dá valor a certas coisas e não outras, que tem certas

¹⁸ “A Zona autônoma Temporária é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la.” (Hakim Bey, 2003, p.6)

opções e não outras, que tem certas concepções ideológicas e não outras.” e ainda “do sujeito implicado”¹⁹ no SUS.

Essa constatação fica ainda mais clara pela concentração de militantes do DAB, tanto seus dirigentes quanto os técnicos se conhecem da militância estudantil.

Figura 16 – Um grupo militante



Fonte: Diário de Campo

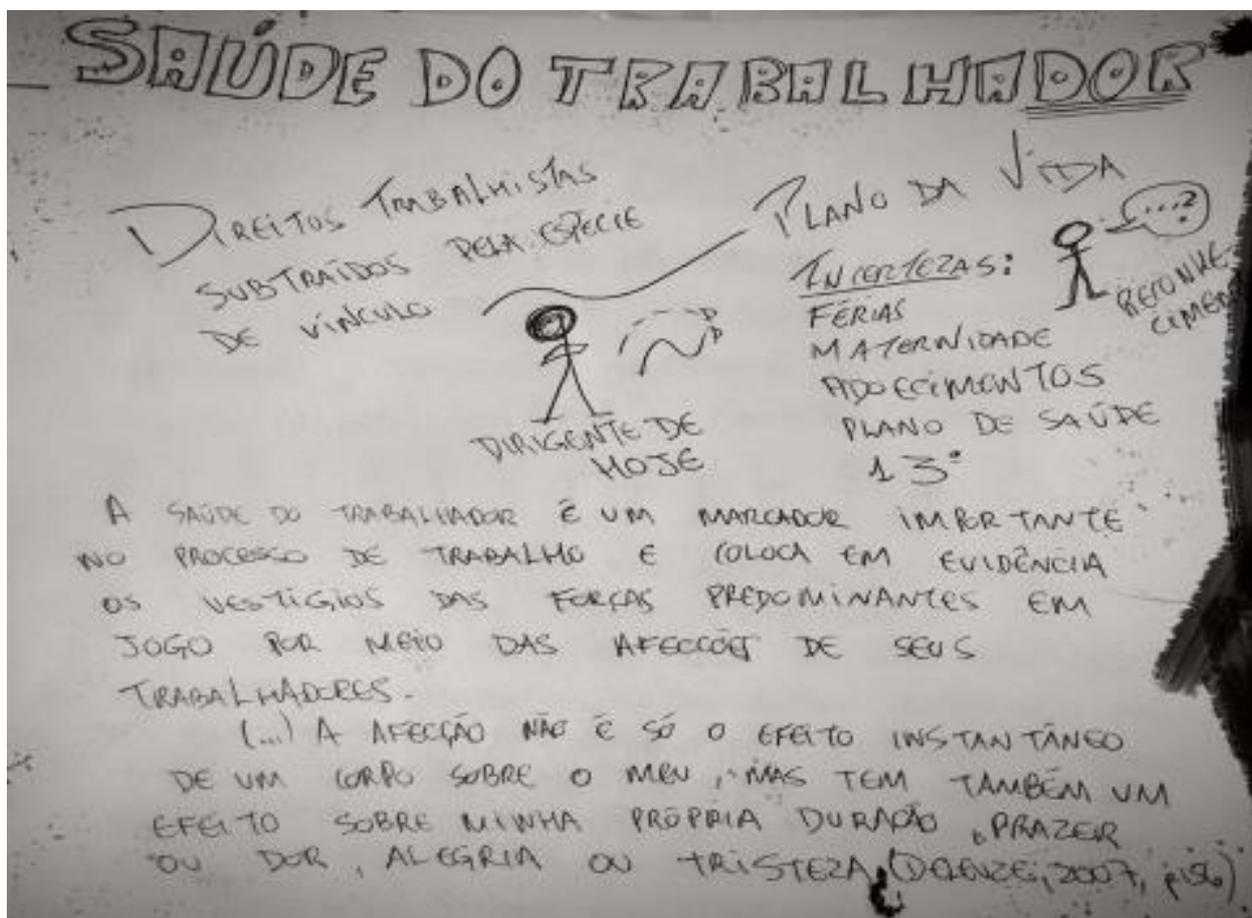
Tal agrupamento pinça valores e condutas singulares que dão o tom da Gestão Federal, os quais fazem os projetos vingarem. A aposta percebida nessa vivência vai de encontro, ainda com Merhy (2011) “a produção de um conhecer militante de um sujeito implicado que quer este saber para perceber a si, enquanto um coletivo em ação transformadora, com êxitos mudancistas ou não, procurando mapear como isso é ou pode ser possível e, ao mesmo tempo, socializar estes seus saberes e agires transformadores.”

¹⁹ “A noção de implicação, trabalhada pelos analistas institucionais, não se resume a uma questão de vontade, de decisão consciente(...). Ela inclui uma análise do sistema de lugares, o assinalamento do lugar que ocupa(...), daquele que ele busca ocupar e do que lhe é designado ocupar, enquanto especialista, com os riscos que isto implica.” (PASSOS E BARROS, 2000, p.10)

A especialização enquanto aposta na formação de trabalhadores para o SUS no próprio espaço de trabalho trouxe à tona o mote da qualificação profissional e da Educação Permanente. Me atentei ao panorama da Educação Permanente dentro do DAB, chamou a atenção a descrição dos trabalhadores acerca das “assembleias” abertas ministradas pelo diretor a todos os trabalhadores, do lugar de quem apetece tomar decisões de teor metodológico, técnico e político a assembleia esclarecia o contexto político que invariavelmente afeta os sentidos das pautas vigentes e ao mesmo tempo o seu discurso comunicava marcadores conceituais dos temas elencados para a discussão. As assembleias a partir de um determinado momento foram interrompidas, mas são lembradas como momentos de Educação Permanente e aproximação do modo de construção das pautas atuais. Para Ceccim e Ferla (2006, p. 107), a Educação Permanente em Saúde é “um conceito forte e desafiante para pensar as ligações entre educação e trabalho em saúde; para colocar em questão a relevância social do ensino (...) aproximando os saberes técnicos e científicos das dimensões éticas da vida e do trabalho”.

A Saúde do Trabalhador em decorrência de todo esse modo de operar o trabalho também foi salientada nesse processo cartográfico das coordenações.

Figura 17 – Saúde do Trabalhador



Fonte: Diário de Campo

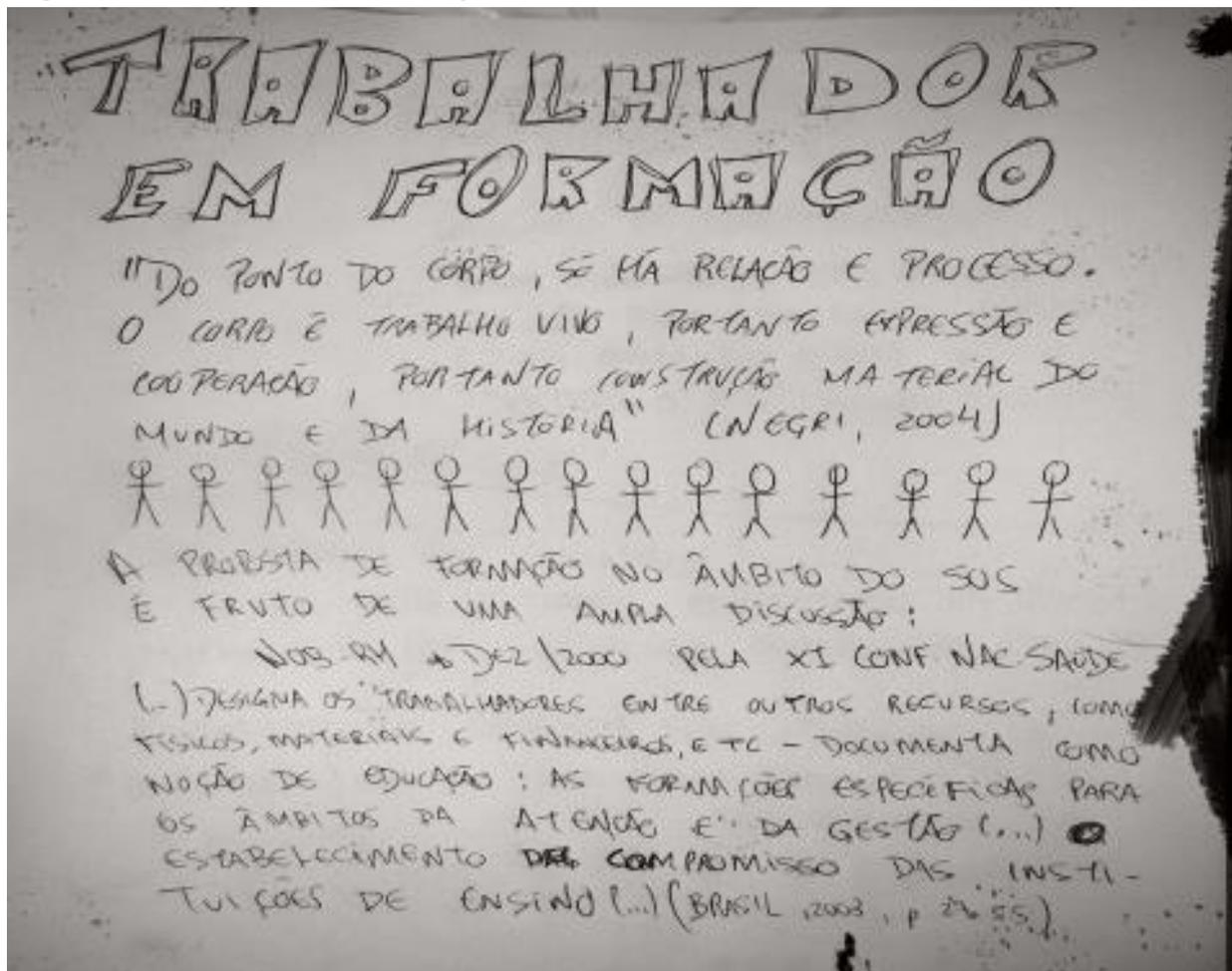
Os direitos trabalhistas algumas vezes subtraídos do trabalhador pela espécie de vínculo faz emergir com toda a força o plano da vida com eixo no trabalho. Adoecimentos de todas as ordens, maternidade, férias são vividas com um nível de tensão importante, com um pano de fundo incerto de acordo com os dirigentes que ali vigoram.

Alguns elementos colocados a partir da cartografia e do diário de campo pontua as interfaces institucionais frente ao *trabalho morto*, muitas vezes pela minha dificuldade de identificar o que há de novo. Para adentrarmos ao campo do devir temos que colocar nossos corpos em contato com o inusitado no encontro com outro corpo, assim ficamos disponíveis para embarcar em possíveis linhas de fuga e provocarmos efeitos diferenciados no trabalho, alinhado ao *trabalho vivo*. A Saúde do Trabalhador é um marcador importante do processo de trabalho em uma instituição e coloca em evidência os vestígios das forças predominantes em jogo por meio das afecções de seus trabalhadores.

(...)Conhecemos nossas afecções pelas ideias que temos, sensações ou percepções, sensações de calor, de cor, percepção de forma e de distância. (...). A afecção, pois, não só é o efeito instantâneo de um corpo sobre o meu, mas tem também um efeito sobre minha própria duração, prazer ou dor, alegria ou tristeza. São passagens, devires, ascensões e quedas, variações contínuas de potência que vão de um estado a outro: serão chamados afectos [...]. (Deleuze, 1997, p. 156)

6. AGENCIAMENTOS MÚLTIPLOS: TRABALHADORES EM FORMAÇÃO

Figura 18 – Trabalhador em formação



Fonte: Diário de Campo

“A transcendência é a chave para toda metafísica da individualidade, da mesma forma que para toda e qualquer metafísica da soberania. Do ponto de vista do corpo, só há relação e processo. O corpo é trabalho vivo, portanto expressão e cooperação, portanto construção material do mundo e da história.”²⁰

A formação para o trabalho em saúde é um tema emergente nas últimas décadas no campo da assistência e da gestão. “(...) o Conselho Nacional de Saúde e a XII Conferência Nacional de Saúde introduziram, a partir de 2003, o conceito e a imagem de uma *Política de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde* em substituição ao conceito e imagem de uma *Política de Recursos Humanos da Saúde*, seguindo absolutamente viva, entretanto, a necessidade de transmutar a racionalidade administrativa e gerencial hegemônica para uma visão de trabalho vivo(...)”²¹

Com o entendimento do trabalho em saúde como um processo que vai além da visão empresarial das tecnologias do trabalho afinadas com os princípios do sistema capitalista para a

²⁰ Negri, 2004, p.21

²¹ Ceccim, 2005, p.2

afirmação de tecnologias que se inclinam ao plano relacional e das afeções que derradeiramente estão implicados com a produção de si e da sociedade e, no caso da Saúde, na consolidação do SUS em todas as esferas de governo. “Merhy (2002) apresentou a expressão *trabalho vivo em ato* para destacar as forças vivas cunhadas pelas tecnologias leves (das relações) no trabalho em saúde (um trabalho fundado na interação).”²²

Com essa concepção, a Especialização em Saúde Coletiva e Educação na Saúde como expressão desse outro lugar do trabalho em saúde e que estende ao campo da Educação por sua proposta de formação de trabalhadores no âmbito do SUS é fruto de uma ampla discussão no seio do SUS acerca da formação de novos perfis de profissionais como explicita Ceccim(2005):

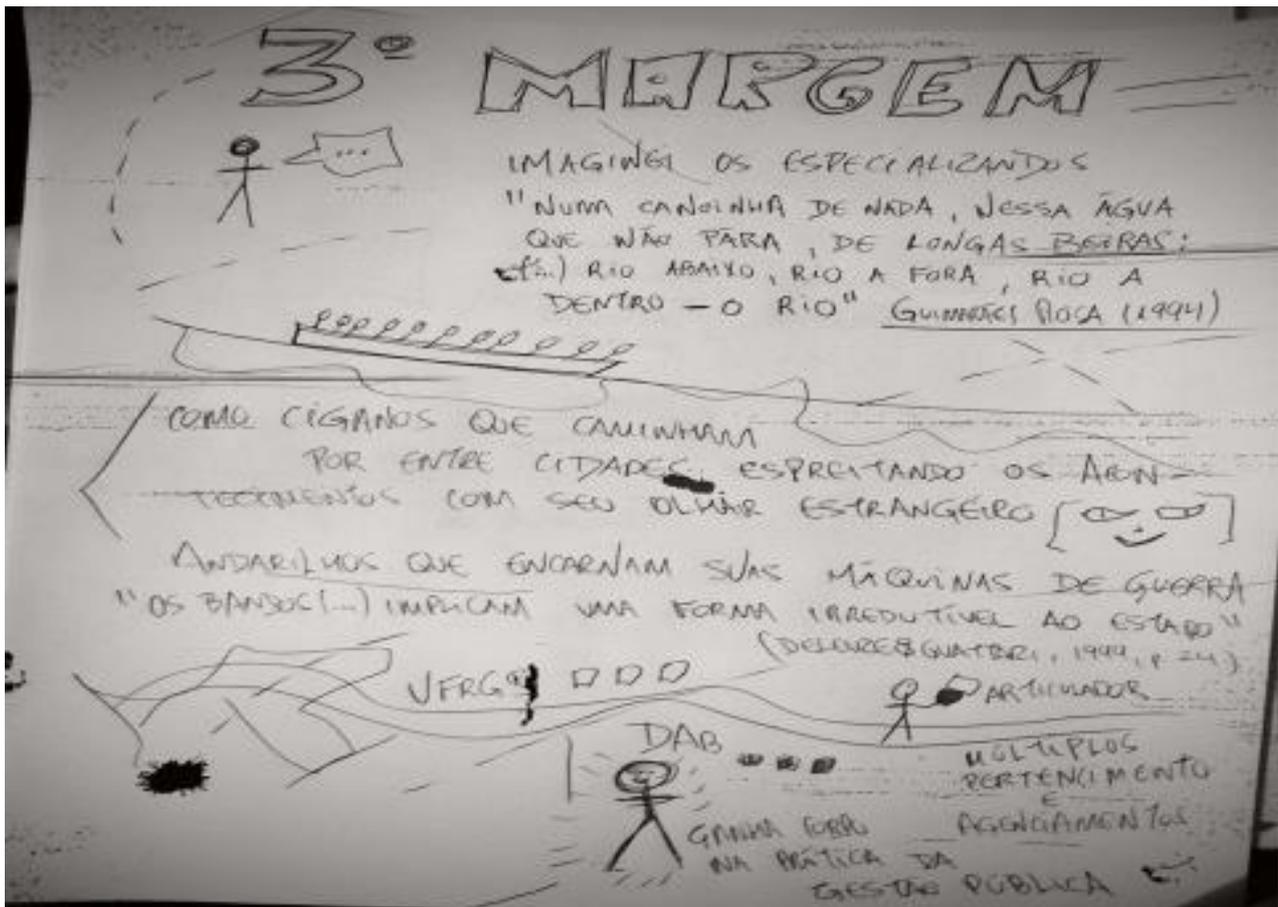
“A Norma Operacional Básica de Recursos Humanos para o SUS, aprovada em dezembro de 2000, pela XI Conferência Nacional de Saúde – ela própria definindo recursos humanos como *expressão para designar os trabalhadores entre outros recursos, como os físicos, materiais, financeiros etc.*– documenta como noção de educação: as formações específicas para os âmbitos da atenção e da gestão, a construção de novos perfis profissionais, o estabelecimento de compromisso das instituições de ensino com os desenhos da assistência propostos pelas Leis Federais n.º 8.080/90 e 8.142/90, a formação de docentes orientada para o SUS, a formação de gestores orientada ao rompimento com os paradigmas tradicionais da administração e o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão em modalidades participativas de colaboração entre o SUS e os sistemas de ensino e pesquisa (BRASIL, 2003, p. 27 e55).”

Vale lembrar que todo especializando habitou um terceiro território que está entre os territórios do trabalho e da academia, é como diz Guimarães Rosa(1994), em uma espécie de terceira margem do rio que seria o próprio rio, imaginei os especializando “numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: (...) rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.”. Um entre-lugar de prática e deslocamentos nômades, como ciganos que caminham por entre cidades sempre espreitando os acontecimentos com um olhar um tanto estrangeiro. Na sua condição de andarilhos os grupos, bandos e tribos perpassam encarnam suas *Máquinas de Guerra* e tendem a não reproduzir padrões relacionais improdutivos em determinado territórios.

“Os bandos(...) implicam uma forma irreduzível ao Estado, e (...) essa forma se apresenta necessariamente como a de uma Máquina de Guerra, polimorfa e difusa.” (DELEUZE&GUATTARI, 1999, p.24)

²² Idem

Figura 19 – 3º Margem



Fonte: Diário de Campo

Esse lugar de passagem, o meio entre um território e outro, faz o sujeito carregar pedaços dos dois territórios, e ainda estar em um lugar de múltiplos pertencimentos, um lugar da multiterritorialidade, onde a identidade de um território ganha concretude conectado a outros territórios, não há um território a ser defendido ou enaltecido, há apenas movimentos articulados que favorecem a tecitura de algo em comum a todos os territórios, neste caso, a formulação, operacionalização, monitoramento e avaliação das Políticas e Programas Públicos, o que é mais caro aos especializandos frente aos teus territórios é ganhar corpo na prática da gestão pública.

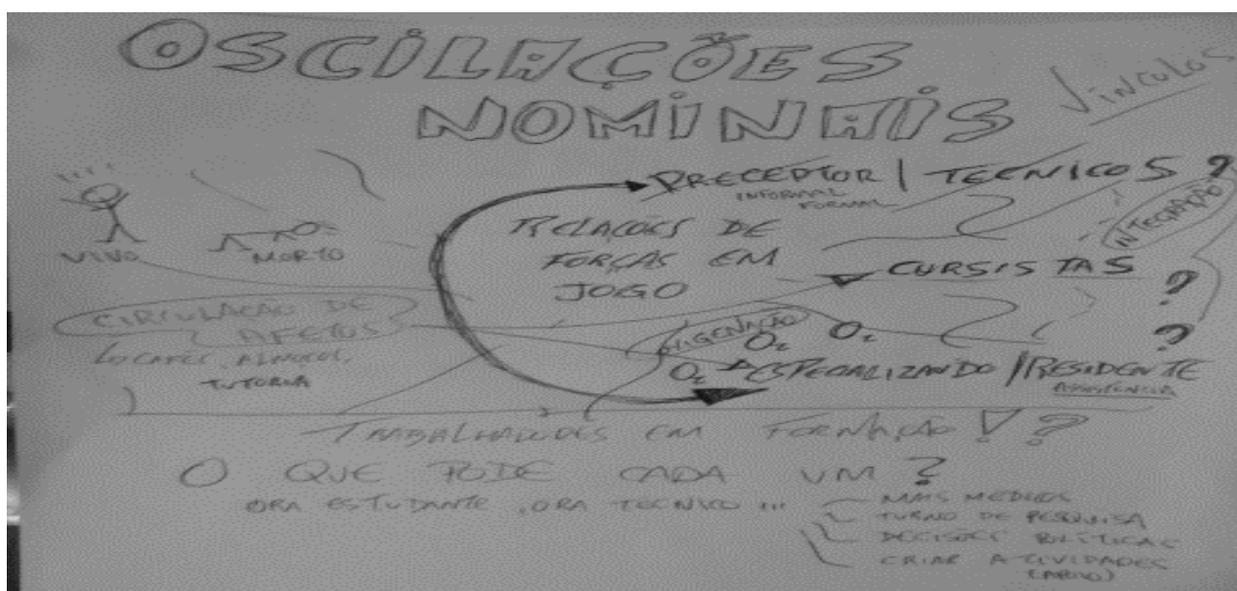
Habitar a terceira margem do rio lança os especializandos às mais diversas parcerias, cada trabalhador pode nos convocar tanto o *trabalho morto* como o *trabalho vivo*. Dos vínculos, circulação de afetos, a presença dos especializandos lança uma perspectiva de oxigenação do ambiente de trabalho. Como diz Deleuze(1999) toda entrada é boa se houver múltiplas saídas, podemos acatar essa sugestão para dizer da parceria entre cursistas e bolsistas que se tornou uma interação que abriu caminho para integrar os trabalhadores em um conjunto de trabalhadores em formação.

Os momentos de concentração dos cursistas e bolsistas aproximaram seus campos de saber, no compartilhamento de suas trajetórias transformamos uma visão romântica da Gestão Federal para ver que ali haviam todo tipo de gente, com muita experiência na ponta outras em gestão em municípios ou estados, outras, outras de grupos de militância do SUS. A interação rendeu muitas discussões nos cafés, nos almoços, nos corredores, nas tutorias, questionamentos acerca do processo de trabalho, da efetividade de uma programa e como ele é operado em favor do quadro epidemiológico do país, o deslocamento de cada um até a cidade de Brasília o que cada um deixou para trás o que trouxeram, a saudade da família, as viagens, as festas e muitas conversas, tudo foi levado em consideração para estreitar os vínculos e criar uma rede de afetos que também fez do trabalho um espaço mais leve.

A IV Mostra da Atenção Básica e Saúde da Família foi uma atividade ímpar de interação de todos os trabalhadores do DAB. Nesse momento, cada trabalhador convocou os especializandos para entrar em atividades, onde os mesmos escolheram suas entradas de acordo com suas afinidades e necessidades, na programação cultural e acadêmica, acolhimento, logística para fazer dar certo um evento programado para receber dez mil pessoas, as fronteiras que separam as coordenações se tornaram mais porosas, pessoas aceleradas a procurar soluções para os imprevistos e demandas dos convidados de todo o país. Um evento que deu sentido a todos os esforços cotidianos dos gestores do SUS ao reunir as experiências dos profissionais de saúde de todo o território nacional.

Dessa maneira podemos continuar nosso trajeto e colocar em evidência as oscilações nominais dos especializandos, ora chamados de especializando e, principalmente de residentes, ora de trabalhadores e técnicos.

Figura 20 – Oscilações nominais



Fonte: Diário de Campo

Na avaliação dessas oscilações nominais abre-se um campo de indagações que possam elencar as relações de forças em jogo no DAB. O que cabe ou o que pode um especializando, um “trabalhador em formação” e um técnico, um trabalhador consultor OPAS, concursado e temporários no cenário do serviço. Assim, como qual o seu papel na academia enquanto trabalhadores, nesse esboço de mapeamento biopolítico que dizem das malhas de poder em que estamos inseridos, ora é estratégico sinalizar o especializando enquanto estudantes, ora é estratégico convocá-lo para o lugar de técnico da instituição.

A diversificação dos modelos de trabalho realizados pelos trabalhadores em formação conforma o seu lugar no fluxo de trabalho, se por um lado o modelo hegemônico apresenta um viés quantitativo do trabalho, suprimindo demandas de um *trabalho morto* determinado por um tempo de trabalho instituído, que por sua vez identifica a prática dos especializando como técnicos de uma lógica pautada na produtividade e iminente entrega desses produtos. Já em momentos de decisões políticas inscritas nas relações de poder, para essa função política as vezes éramos convocados e outras não, houve a necessidade da instituição de manter alguns assuntos no sigilo independente da classificação nominal dos especializando.

“Pela profundidade com que formula intelectualmente o campo do trabalho em saúde, Merhy introduziu não apenas proposições intelectuais, mas verdadeiros desafios éticos por meio das noções de trabalho vivo, tecnologias leves e produção do cuidado como a alma dos serviços de saúde (CECCIM, 2005, p.3)”

Adentrando o teor do tema, atividades que predominavam o *trabalho vivo* geralmente protagonizávamos do lugar de “residentes”, não foi incomum que os questionamentos de fluxos mais instituídos foram apreendidos por alguns trabalhadores de modo ofensivo em detrimento de uma crítica construtiva. Por outro lado, processos mais criativos disparados estimularam sentidos adquiridos no processo de trabalho, como a invenção conjunta dos especializando e coordenação de um dispositivo em formato de oficina para o cuidado do trabalhador em relação à sua prática de apoio institucional.

A Roda de Singularização como citada anteriormente como um espaço de cuidado do gestor, os gestores em formação, pode ser entendido como um termômetro dos momentos intensivos, dimensão afetiva do curso, como também da mobilização dos campos de saber/poder. A avaliação dos especializando, a preceptoria, orientação, o provimento de profissionais, os diferentes tempos da universidade e do serviço, a dinâmica do trabalho e o apoio institucional foram temas privilegiados.

A teorização proposta pelos acadêmicos em relação aos atravessamentos do plano da gestão diante do processo de trabalho, como o planejamento de ações versus a rapidez de execução de quem está no serviço e a distanciamento do campo teórico com as práticas no departamento. O cenário de prática invocava o desenvolvimento de competências para planejar executando, ou como foi falado, “trocar os pneus com o carro andando” afinado com o contexto político, o estresse gerado entre atividades estruturantes e as de apagar incêndio provenientes das demandas hierárquicas do ministério demarcadamente instauradora do cumpra-se.

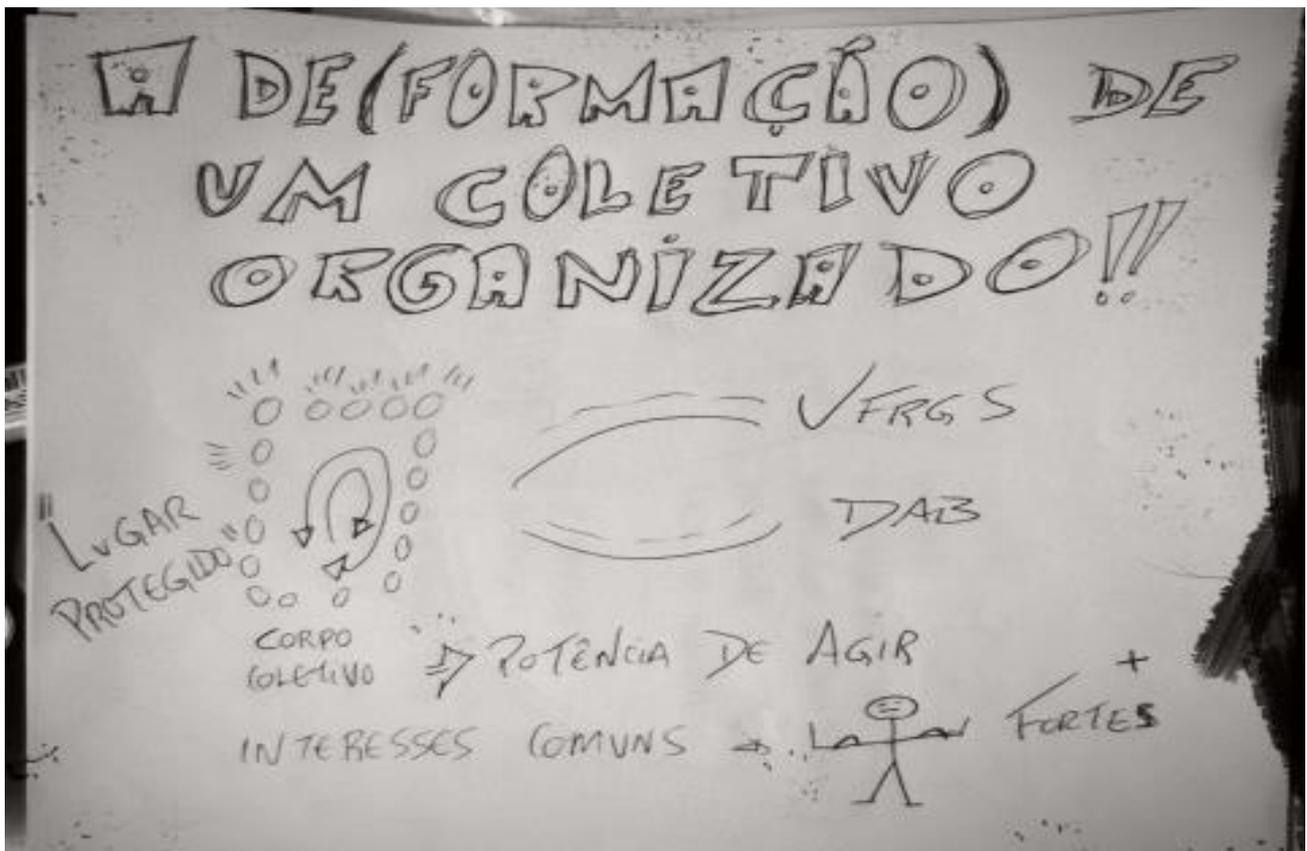
A avaliação pelas mandalas propostas pelo departamento aos especializandos funcionou como indutora da formação profissional para o SUS na medida em que encarna critérios para aferir competências no campo do saber, habilidades e competências para a gestão e também assumiu um lugar de provimento de profissionais afirmado pelo discurso institucional desde o início da especialização. Ambas as afirmações implicaram nas posturas de todos os envolvidos no processo e e se transformou no clássico jogo de forças institucional, os quais revestem seus integrantes de interesses ensimesmados que diluem as linhas de fuga pela predominância um certo instinto de sobrevivência, exemplo disto se traduz pelo remanejamento de alguns especializandos que furaram o desenho proposto para as coordenações, como também no entendimento de preceptoria em cada coordenação, esses fatos foram importantes marcadores de qualificação da formação em serviço.

Embates foram travados quando as agendas das frentes de trabalho esvaziaram as salas de aula, fato este que gerou ruídos na parceria ensino e serviço e instaurou um mal estar nos que se localizam na terceira margem do rio e na tentativa de mediar tal situação acabávamos por tomar partido de uma margem, ora do departamento, ora da Universidade na perspectiva do crescente jogo de interesses citado anteriormente.

Dessa mesma maneira foram sentidas as ausências nas rodas de singularização como *máquina de guerra*, construída pelos coletivos de trabalhadores e especializandos, por isso as rodas foram mudando com as pessoas. As oscilações de presença dos integrantes da roda incitaram a reflexão de seu valor de uso. A postura das pessoas apontavam uma certa oposição ao espaço cujo efeito prático foi sentido pelo movimento de desinvestimento do mesmo delegando a construção da roda para uma figura de coordenação, reiteradas desresponsabilizações de um único lugar de escape e contenção do dia-a-dia a roda transmutou para rodas temáticas de cunho mais organizativo e objetivo vertido em trazer dada “importância” para pautas que cada um se envolvia, tomando um espaço que “deveria” existir na instituição para discussões diversas e investimento dos trabalhadores. A roda tomou um caráter mais protocolar quando seus participantes apareciam de acordo com o tema agendado. O esvaziamento da antiga proposta, resgatando a ideia de assembleias, vem de encontro a acanhamento do campo afetivo do grupo e suas necessidades da

imersão carregada de particularidades, o primeiro proveniente de um enfiamento que calou expressões mais críticas e desinteressadas e o segundo, do desdobramento de necessidades externas da típica malha de saber/poder das instituições.

É importante ressaltar como elemento constitutivo da postura desconfiada dos especializando acerca das rodas de singularização, a construção de um outro espaço de encontro periódico e alternados às rodas, a formação do coletivo de especializando, passamos a investir na construção de outro lugar que inclusive contribuiu no esvaziamento de sentidos as rodas colegiadas. Figura 21 – A de(formação) de um coletivo organizado!!



Fonte: Diário de Campo

Assim nomadizamos, os argumentos lançados para a transição se deram por questionamentos acerca da intervenção dos nossos pares ou mesmo ausência dos mesmos em nosso cotidiano que afetaram nossa potência de agir. Assim, construímos outra *máquina de guerra* optamos por um lugar mais protegido que se por um lado ajudou os especializando a se fortalecer enquanto grupo em nossas questões mobilizadoras, por outro, nos retirou de um cenário onde necessitaríamos lidar compartilhar interesses de toda ordem e conflitos próprios da malha de poder/saber, recuando no enfrentamento dessas diferenças cavamos um lugar mais confortável, o fortalecimento organizativo do coletivo teve ressonância no trabalho na universidade e concomitantemente inaugurou ou acentuou os “não ditos” em locais híbridos. No mais, a roda de

singularização se transformou em um marcador importante de aproximação dos especializandos com os trabalhadores, programas e políticas vigentes na área da saúde.

O preceptor como figura central na formação e respaldo técnico no departamento resvalou nos meandros dessa malha de poder instituinte e instituída. Os preceptores, assim como nós, fundaram um espaço de diálogo e entendimento do seu papel frente nossa formação e inserção no espaço do trabalho. Os preceptores sentiram uma grande dificuldade de participação nas rodas de singularização, muito pela dinâmica intensa da rotina do trabalho e pelo aspecto desafiador de compartilhamento no campo do sensível. Este entendimento poderia ser aprofundado, considerando os limites desse ensaio aparece aqui na modalidade de constatação. O intuito de ter uma formação através da prática é ótimo, a partir da vivência vem as reflexões, discussões e aprendizados e o preceptor foi responsável pelo respaldo ao nos deparamos com circunstâncias que não conseguimos dar encaminhamento e temos que realmente sentar e pensar para termos mais claro os meandros de uma situação aparentemente sem saída para o fortalecimento da nossa prática. A preceptoria nesse processo oscilou nas diversas coordenações, mais tacaña em algumas e mais ativa em outras. A estratégia da especialização no departamento é uma forma agregadora do trabalho em equipe, como receber essa estratégia, considerando que cada coordenação já possui suas regras, coube aos especializandos identificar modos de contornar esse sintoma institucional. Não podemos deixar de lado que muitos trabalhadores vêm de um processo de qualificação enquanto residentes multiprofissionais ou especialistas na área da saúde ou mesmo trabalhadores de diversos serviços do SUS, por isso pudemos reconhecer em nossas discussões o conhecimento dos Programas preconizados pelo MS no momento de sua execução, e conseqüentemente a demonstração de um olhar crítico das potencialidades e desafios do que é produzido na gestão federal.

“A finalidade da formação e seu incentivo por meio da “incorporação de profissional qualificado para a execução de uma atividade específica” é possibilitar o “fortalecimento da equipe responsável” pelo desenvolvimento de “políticas, ações e serviços de relevância pública”, nos termos do Art. 197, da Constituição Federal, e, de maneira equiparada, aos termos da “formação e/ou capacitação de recursos humanos e agregação de especialistas que contribuam para a execução de projetos de desenvolvimento e extensão”, previstas no fomento tecnológico e extensão inovadora pelo Ministério da Ciência e Tecnologia.” (UFRGS, 2013)

Não podemos esquecer da importância da construção da nossa morada e dos sentidos compartilhadas por todos os trabalhadores na cidade de Brasília/DF cercada pelos louros e desafios de sermos a primeira turma encontramos na estadia em um hotel durante um mês, nas ruas, parques, praças, bares, lago, hotéis, chapada dos veadeiros, clubes e quadras motivos para ativarmos o mapa de nossas *afecções*.

Imagem 4 – Acampamento no Congresso Nacional



Fonte: Portifólio Fotográfico

Afinamos nossos laços nas paixões, alegrias, tristezas, namoros, adoecimentos, saudades, museus, concretos, poesias, arte, brigas, no céu inominável de Brasília. Nesse sentido, a cidade nos colocou frente a uma criação de novos lugares e possibilidades de expressão, de um lugar com um contorno mais poroso com os quais não estamos acostumados a operar, a abertura de jurisprudências na lógica homogeneizante permite a invenção de novas estéticas favorecendo posicionamentos menos excludentes, como diz Zordan(2014) “ É na transfiguração das limitações, que devem ser vistas como desafios para reconfigurarmos os espaços, que uma nova política, uma política da amizade, pode emergir. Assim, será possível trocarmos os lugares marcados, de onde a visão é sempre a mesma, pela mobilidade de posições, que nos permite ver diversas perspectivas de um mesmo território.”

7. FRAGMENTO ÚLTIMO: DO CARÁTER FINITO E ILIMITADO DO SUS

“O que define, portanto, o perfil do cartógrafo é exclusivamente um tipo de sensibilidade, que ele se propõe fazer prevalecer, na medida do possível, em seu trabalho. O que ele quer é se colocar, sempre que possível, na adjacência das mutações das cartografias, posição que lhe permite acolher o caráter finito e ilimitado do processo de produção da realidade(...)”²³

Encontrar as inúmeras paisagens e sentidos na vivência dessa especialização é um processo infinito. Percorrer o caminho trilhado pelos trabalhadores em formação no Sistema Único de Saúde, no Departamento de Atenção Básica do Ministério da Saúde, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pelas ruas e casas da cidade de Brasília, me remete ao fortalecimento de cada um para a vida, tanto afetiva, quanto no reconhecimento de competências profissionais como efeito de um processo de formação que ofereceu voz e territórios para essas pessoas.

Por se tratar de uma proposta nova no cenário do ensino em serviço, a primeira turma da Especialização em Saúde Coletiva e Educação na Saúde em Brasília esboçou seus primeiros passos na execução do projeto político pedagógico na prática. Os esforços de todos seus integrantes coadunados na formação de profissionais para o SUS no âmbito da gestão federal apontou para a consolidação de seus princípios e diretrizes no que concerne a atribuição de todas as esferas federativas na participação e execução da política de formação e desenvolvimento de profissionais para a saúde.

A primeira turma diante da possibilidade de experimentar o lugar da gestão federal estimulou a interface com a universidade e afirmou um espaço de debate crítico e no seio dos projetos políticos de saúde. As iniciativas no campo da formação de profissionais para a área da saúde inauguram um processo contra hegemônico frente as diferentes perspectivas de atuação de gestores do SUS.

Considerando as condições subjetivas e as relações de poder que se articularam na trama de todos os envolvidos nesse traçado micropolítico aponto apenas o fio da meada por meio de algumas leituras do trabalho e seus efeitos na formação dos especializandos. O que coube dessa experiência nesse ensaio cartográfico também aponta os limites dessa análise que poderão ser exploradas em uma formação *stricto sensu*, fato este que não desqualifica esse registro confeccionado e, inclusive, reitera pontos vitais de um funcionamento micropolítico das relações na gestão federal.

Os embates reiterados aqui têm caráter embrionário quando se referem as atribuições dos atores envolvidos no processo de formação, daqui podemos alcançar outros projetos político pedagógico que assume um papel importante na inerente mudança do contexto político relacionado

²³ Rolnik, 1996, p.30

a formação profissional. Os *perceptos e afectos* registrados nesse ensaio reconhece em todos os cenários de inserção as potencialidades dos diversos tipos de trabalhos realizados, bem como a produção subjetiva dos sujeitos.

Podemos dizer que essa experiência de formação no trabalho contribuiu com as atividades já realizadas no departamento, troca de informações, incorporação de novos saberes e a produção de *afectos* inéditos no contato intenso com diferentes posturas éticas e políticas resultando em mudança de padrões relacionais como a abertura de uma integração maior das coordenações devido a circulação cotidiana intensa dos especializandos que costuravam algumas relações no departamento, assim como a atuação de todos os trabalhadores na IV Mostra. Notamos também a catalisação do processo de trabalho, tanto o *trabalho vivo*, quanto o *trabalho morto*. Assim como, colocamos em evidência o ainda incipiente papel da universidade de construir ferramentas conjuntas com o cenário de prática que transformem modos operativos senis no campo do trabalho.

De modo geral, os desafios enfrentados por todos os envolvidos para que o esse curso acontecesse estão voltados para uma iluminação do movimento social do SUS e seus esforços voltados para a criação de uma gestão mais colegiada e menos nociva a vida social. Os pressupostos que sustentaram a experiência dizem respeito a um exercício incessante de criação de relações mais horizontais ao distanciar hierarquias advindas da própria organização do DAB.

“Escrever nem uma coisa
Nem outra -
A fim de dizer todas -
Ou, pelo menos, nenhuma.
Assim,
Ao poeta faz bem
Desexplicar -
Tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes.”

(Manoel de Barros)

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Luiz Odorico Monteiro de; PONTES, Ricardo José Soares and MARTINS JUNIOR, Tomaz. *A descentralização no marco da Reforma Sanitária no Brasil*. *Rev Panam Salud Publica*[online]. 2000, vol.8, n.1-2, pp. 85-91. ISSN 1020-4989. <http://dx.doi.org/10.1590/S1020-49892000000700026>.

PASSOS, Eduardo e BARROS, Regina Benevides de. *A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade*. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2000, vol.16, n.1, pp. 71-79. ISSN 0102-3772. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722000000100010>.

BRASIL. 12ª Conferência Nacional de Saúde: Conferência Sérgio Arouca: Brasília, 7 a 11 de dezembro de 2003. *Relatório final*. Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. (Eixo temático VII – O trabalho na saúde. p. 113-132).

CARVALHO, A.B. Burocracia e a educação moderna: anotações a partir de Max Weber. In: VII Simpósio Internacional Processo Civilizador: História, Civilização e Educação (2003). Disponível em:

<http://www.fef.unicamp.br/sipc/anais7/Trabalhos%5CxBurocracia%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Moderna.pdf>. Acessado em 08/07/2014.

CECCIM, Ricardo Burg. *Onde se lê recursos humanos da saúde, leia-se coletivos organizados de produção da saúde: desafios para a educação*. In: *Construção social da demanda: direito à saúde, trabalho em equipe, participação e espaços públicos*, p. 161-181, 2005.

CECCIM, Ricardo Burg; CARVALHO, Yara. *Formação e Educação em Saúde: aprendizados com a Saúde Coletiva*. In: *Tratado de Saúde Coletiva*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 149-182, 2006.

CECCIM, Ricardo Burg, MERHY, Emerson Elias. *Um agir micropolítico e pedagógico intenso: a humanização entre laços e perspectivas*. *Interface. Comunicação, Saúde e Educação*, v.13, p.531 - 542, 2009.

CECCIM, R.B. e FERLA, A.; Educação Permanente em Saúde. In: PEREIRA, I.B.; LIMA, J.C.F. *Dicionário da Educação Profissional em Saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV, 2006. P. 107-112.

CHIORO, A.; SCAFF, A. **Saúde e cidadania**: a implantação do sistema Único de Saúde. Disponível em: <<http://www.consaude.com.br/sus.htm>>, Acesso em: 29 jun. 2014.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Tratado de Nomadologia*. In: *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol.5, Trad.: Peter Pál Pelbart. – São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. *Cinco proposições sobre a psicanálise*. In: *A ilha deserta: e outros textos*. Trad.: Cíntia Vieira da Silva. Org. e Rev. Tec.: Luiz B. L. Orlandi, - São Paulo: Iluminuras, 2006. P. 352

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Trad. Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo, Brasiliense, 2005.

- DELEUZE, Gilles. *O devir revolucionário e as criações políticas*. Novos Estudos nº 28, Outubro de 1990.
- DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta 1998.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1997, pp. 156-157.
- DELEUZE G. e GUATTARI F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, O Liso e o Estriado*. (b) Rio de Janeiro: Ed. 34, vol. 5, 1997.
- DELEUZE G. e GUATTARI F. O que é a filosofia, Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muniz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Subjetividade e história*. In: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely *Micropolítica: cartografias do desejo*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.p.25-126.
- GUATTARI, Félix.: *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. — Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- BEY, Hakim.: *Zona Autônoma Temporária*, 2003. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf. Acessado em: 20/06/14
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. (1977). Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MERHY, E. E *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec, 2002. (Saúde em Debate, 145). ISBN: 85-271-0580-2
- MERHY, E.E. e FRANCO, T.B.: *Trabalho em Saúde*. Disponível em: <http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/capitulos-19.pdf>. 2005. Acessado em: 25/06/14.
- MERHY, E.E., FRANCO, T.B.: ANDRADE, C.S, FERREIRA, V.S.C.: *Processo de trabalho do Agente Comunitário de Saúde e a reestruturação produtiva*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 25(4):898-906, abr, 2009
- MERHY, E.E.: O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio em reconhecê-lo como saber válido. (2011). Disponível em: <http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/capitulos-02.pdf>. Acessado em 20/06/14.
- NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- NEGRI, A.: *Para uma definição ontológica da Multidão*. Lugar Comum. No19-20, pp.15-26 , 2004.
- ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio”. In: _____. *Ficção completa: volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SPINOZA, Benedictus de.: *Ética*. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

VASCONCELOS, M.H.F.: *A escrita nômade de Clarice Lispector*. ALEGRAR nº04 - 2007 - ISSN 18085148

ZORDAN, Paola. *Máquina de Guerra em dez aforismos*. 2014. Disponível em: <http://revistacarbono.com/artigos/06maquina-de-guerra-paola-zordan/#sthash.Q9UwXmeh.dpuf>.
Acessado em: 15/06/14

DALI, Salvador.: Disponível em> <http://www.girafamania.com.br/artistas/dali-girafa2.jpg> .
Acessado em: 20/06/14.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde – EducaSaúde Processo Seletivo Público – Edital nº 01/2013 Formação em Saúde Coletiva e Educação na Saúde – Especialização em Serviço.